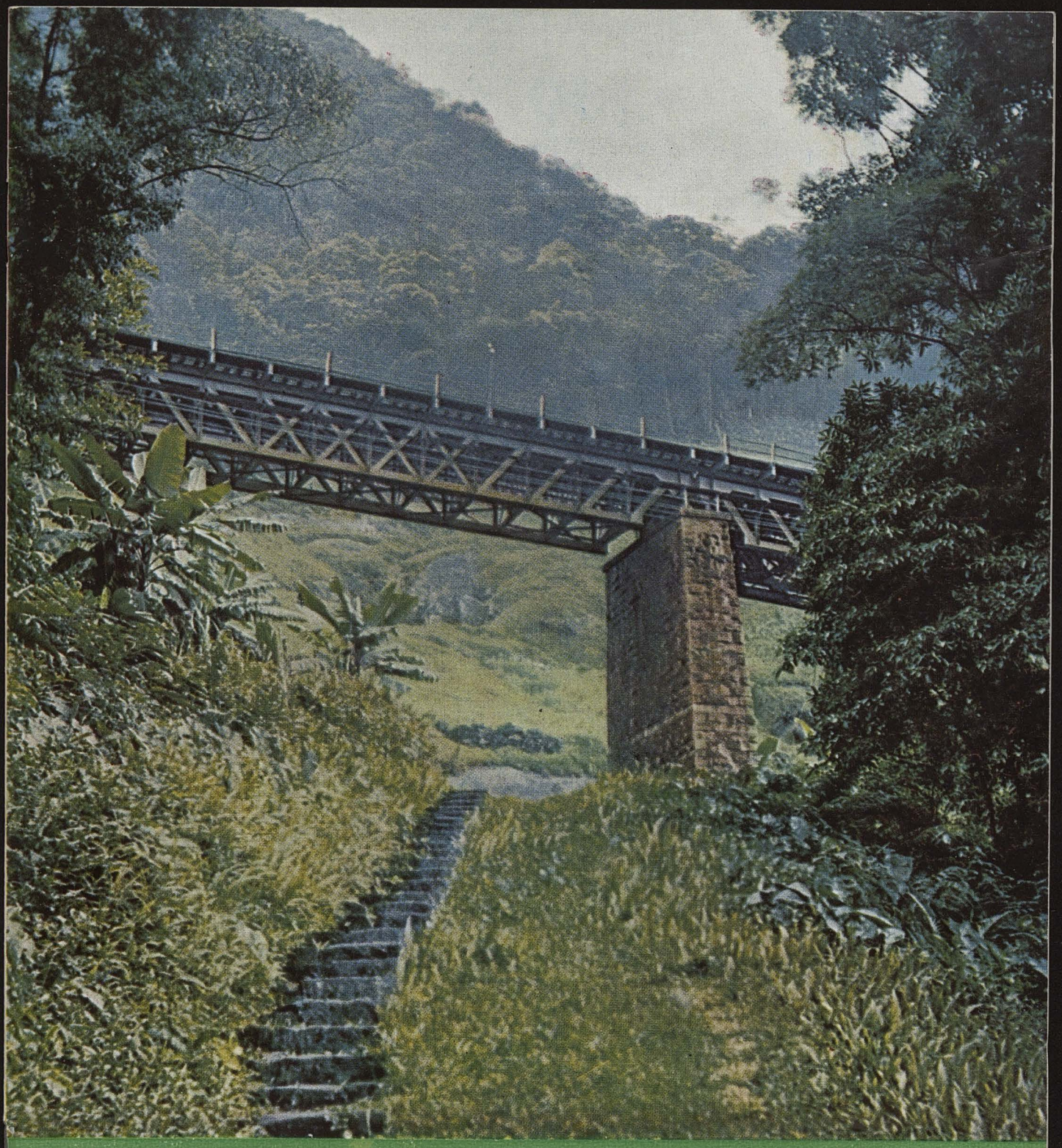


a Liahona

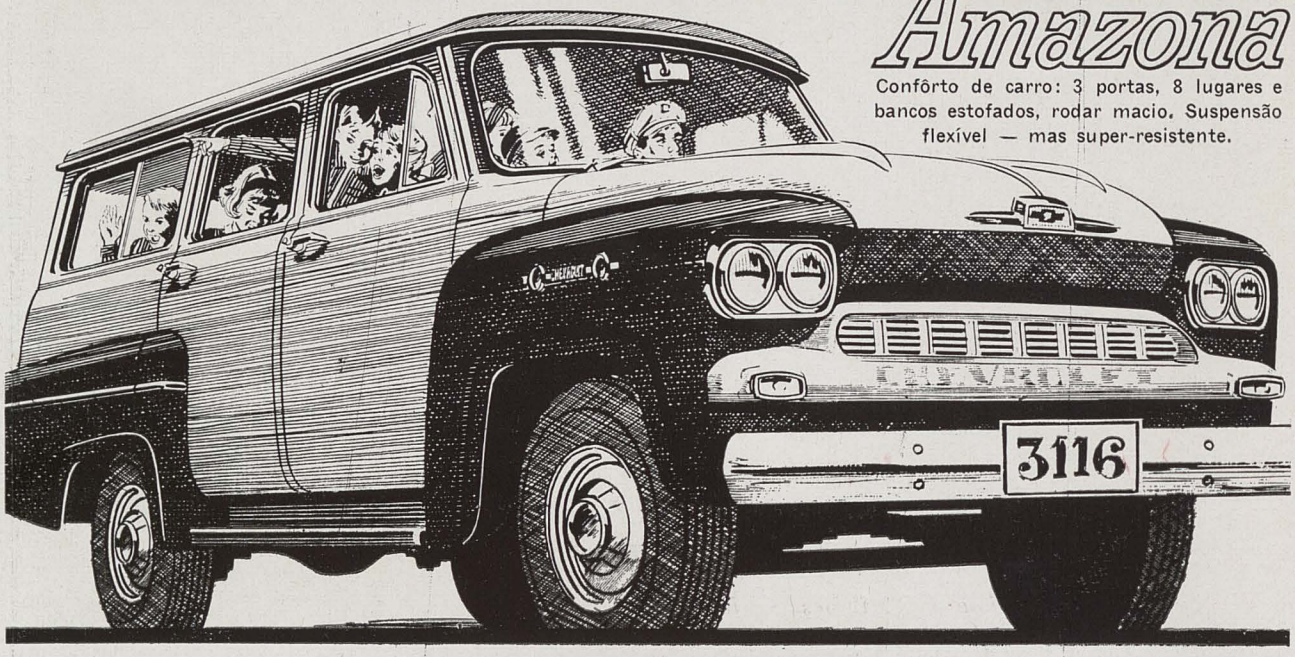
FEVEREIRO DE 1964

14 VÊZES DIFERENTE!

NÔVO CHEVROLET

Amazona

Confôrto de carro: 3 portas, 8 lugares e bancos estofados, rodar macio. Suspensão flexível — mas super-resistente.



Chevrolet tem a maior, mais moderna e mais aperfeiçoada linha de veículos utilitários do Brasil!

É o veículo mais moderno e aperfeiçoado, em sua classe! Nada menos de 14 notáveis inovações exclusivas foram introduzidas no NÔVO CHEVROLET AMAZONA! Ficou ainda mais elegante, útil e eficiente! Mais do que nunca é a solução certa para o transporte de passageiros em escolas, fábricas, serviço público e para famílias grandes! **Exclusivas Novidades Estéticas!** Nova frente de estilo avançado. Novos faróis-duplos — mais um detalhe de beleza. Novos pára-lamas fronteiros — mais estreitos e elegantes. Nôvo teto da cabina, de linhas atualizadas. Nôvo acabamento, requintado como o dos automóveis. Novas e lindas combinações de côres. Novas linhas de carroçaria — permitem o uso de uma côr adicional. **6 Novos Detalhes Técnicos!** Nôvo "step" embutido — melhor proteção para o pneu. Nôvo "quebra-sol" — mais confôrto para o motorista. Nôvo fecho da porta — fecha macio e com absoluta segurança. Nova dupla-guarnição nas portas — impede a entrada de poeira. Novos limpadores de pára-brisa elétricos — funcionamento perfeito e longa duração. Novos bancos removíveis para aumentar a capacidade de carga. **Sua maior garantia de economia, potência e durabilidade! Famoso Motor Chevrolet de 6 cilindros em linha, de 142 H.P. — O Coração de seu Chevrolet!** Tem a potência de motores de mais H.P. — para realizar serviços pesados, sem dar tudo. Como nunca é forçado a dar o máximo, gasta menos gasolina. Mais durável porque: 1) funciona a baixa rotação, exigindo menos esfôrço das peças. 2) exclusivo sistema de ventilação positiva elimina os gases nocivos no cárter e filtros especiais impedem a entrada de poeira corrosiva.

GM BRASIL

PRODUTO DA GENERAL MOTORS DO BRASIL S.A.

Vendas e serviços a cargo de mais de 320 concessionários CHEVROLET autorizados em todo o país.

índice

Uma dádiva ao Salvador na ocasião de Seu Natal 17

Genealogia — Trabalho em grupo com um Comitê Familiar 18

Jaques, o matador de gigantes 20

Os "Mormon Moderns" lançaram um disco 26

ARTIGO ESPECIAL

Há cem anos construia-se a primeira estrada de ferro de São Paulo a Santos 23

SEÇÕES ESPECIAIS

Jóias do pensamento 3

Editorial 4

Juventude da promessa 6

Sacerdócio nas missões 10

Jesus, o Cristo 11

Poesia 27

a liahona

VOL. XVIII — N.° 2

FEVEREIRO DE 1964

Órgão Oficial das Missões Brasileiras da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

Editores
Finn B. Paulsen
Wayne M. Beck

Redatora
Diva Ferreira

Assistente de Redação
Irineu Petry

Fotógrafo
Charles R. Collins

Circulação
Maria Tereza Covacs

PREÇOS:

Exterior: ANO .. US$ 4.00

No Brasil: ANO .. Cr$ 250,00

Exemplar: ..... Cr$ 25,00

Missão Brasileira

R. Henrique Monteiro 215, C. P. 862, S. Paulo, SP, fone: 80-4638.

Missão Brasileira do Sul

R. Gen. Carneiro 490, C. P. 778, Curitiba, PR, fone: 4-8016

Registrado sob Nº 93 do Livro B, Nº 1 e Matrículas de Oficinas Impressoras Jornais e Periódicos, conforme Decreto Nº 4.857, de 9-11-1930. Composto e impresso na Edit. Gráf. Rossolillo Ltda.- R. Rui Barbosa, 333, S. Paulo.

Jóias do Pensamento

COM MODERAÇAO

RICHARD L. EVANS

Já falamos em sermos pensadores tolerantes e citamos Robert Browning: — "Há os que acreditam em tudo e, por isso, não toleram nada; e por outro lado, aquêles que toleram tudo, porque não acreditam em nada."

Há extremos em tôdas as coisas, em tôdas as direções; extremos de tolerância e de intolerância; extremos de mentalidades audazes e mentalidades estreitas. E, os extremos são quase sempre perigosos, tanto em opiniões como em atos; em interêsses, atividades e em enunciações.

A vida necessita estar em equilíbrio. Os homens devem considerar todos os ângulos de si mesmos. "Os desejos moderados", disse Timothy Dwight, "criam um caráter receptivo a tudo o que de bom o mundo possa conceder..." (Timothy Dwight, 1752-1817, teólogo americano.) "Os melhores prazeres da vida situam-se dentro dos limites da moderação." (Martin F. Tupper, Proverbial Philosophy: of Conpensation.)

Há sempre o perigo de ser-se superequilibrado, enxergando sòmente um lado, de estar-se obcecado, de levar-se as coisas longe demais, em pressionar-se mesmo um objetivo louvável de tal forma que a reação poderá ser a contrária à desejada.

Por melhor que seja a perspectiva, a pressão extrema será prejudicial. Ninguém gosta de ser forçado demais. Sem moderação se provocará afastamento do bem que se tinha por objetivo.

Há o extremo de ser-se antiquado e o de ser-se modernista; de apegar-se por demais a formas consagradas e o de desejar modificar tudo. O senso é uma grande dádiva. O equilíbrio é uma grande dádiva. A moderação é uma grande dádiva. Em tudo se necessita de maturidade.

A maioria dos assuntos requerem uma decisão refletidamente considerada. E, mesmo a assim chamada moderação é, às vêzes, excessiva. Abraçar o mal, mesmo com restrição não pode ser considerado moderação no sentido mais sincero. Participar do que não é bom, usar o que não deve ser usado, fazer o que não deve ser feito é, no sentido mais sincero, excesso.

A "moderação", disse Thomas Fuller, "é o fio de seda que atravessa as pérolas do colar de tôdas as virtudes". (Thomas Fuller, The Holy State and the Profane State.) "Mesmo o nectar", diz um provérbio indú, "é veneno, quanto tomado em excesso".







Muitos, hoje em dia, gostariam de saber no que realmente consiste o segredo do crescimento, estabilidade e vitalidade da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

O segredo reside no testemunho que possui cada indivíduo, que é fiel à Igreja, de que o Evangelho é formado de princípios corretos. É o mesmo testemunho que foi dado a Pedro, o principal apóstolo do meridiano dos tempos.

Não desanimem se um testemunho não lhes vem todo de uma vez. Êle não veio instantâneamente nem mesmo a Pedro. Permitam-me chamar-lhes a atenção para um exemplo bem ilustrativo.

Todos podem se lembrar que, após ter alimentado as cinco mil pessoas, o Salvador atravessou o mar que, na ocasião, estava revolto, em direção a Cafarnaum. Algumas daquelas cinco mil pessoas andaram ao redor do litoral norte, para lá estarem no dia seguinte e encontrarem o Mestre.

Alí, então, Êle proferiu uma mensagem magistral em que disse à multidão reunida: "...Me buscais, não pelos sinais que vistes, mas, porque comeste do pão e vos saciastes." (João 6:26.) Êles O viram alimentar cinco mil pessoas com cinco pães de cevada e dois peixinhos, mas não conseguiram perceber algo mais profundo ou de maior significação.

Então Jesus proferiu o notável sermão do pão e da vida, entretanto, êles não conseguiram apreender o seu simbolismo e começaram a afastar-se. Aquêles que O seguiam, mais tarde, passaram a abandoná-lO e rudemente viraram-Lhe as costas.

Finalmente apenas os doze permaneceram, aos quais disse: — "Quereis vós também retirar-vos?" Pedro, o impulsivo lider, prático e altiloqüente (Eu o amo), respondeu: "...Senhor, para quem iremos nós? Tu tens as palavras da vida eterna.

"E' nós temos crido e estamos seguros que Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo." (Ibid. 6:67-69.)

Eu me detenho nas palavras *crido* e *estamos seguros,* porque penso que Pedro quis expressar-se dessa maneira. Parece que, a êsse tempo, o testemunho de Pedro não era forte e definitivo. Não lhes peço que aceitem essa interpretação, porém, estejamos seguros que, nessa ocasião, êle não usou a palavra *abençoado.*

Jesus retirou-se de Cafarnaum com os discípulos para uma das montanhas

isoladas da região, a fim de continuar ensinando-lhes. E, quando lá se achavam, foi que Êle fêz a seguinte pergunta: "...Quem dizem os homens ser o Filho do homem?

"E êles disseram: Uns João Batista, outros Elias, e outros Jeremias ou um dos profetas."

E, então, Êle disse: "...E vós, quem dizeis que Eu sou?"

E Pedro respondeu sem nenhuma hesitação: "Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo.

"E Jesus, respondendo, disse-lhe: Abençoado és tu, Simão Barjonas, porque to não revelou a carne e o sangue, mas Meu Pai, que está nos céus.

"Pois também Eu te digo que tu és Pedro, (êle viu êsse testemunho ou revelação de Deus) e sôbre esta pedra edificarei a minha igreja; e as portas do inferno não prevalecerão contra ela." (Mat. 16:13-18.)

Inspiração, revelação à alma individual, é a rocha sôbre a qual poderá ser construído um testemunho, e não há pessoa viva que não o possa ter se quiser concordar com essas leis e viver uma vida limpa, que permita ao Espírito Santo depositar tal testemunho dentro de si.

Êsse testemunho é revelado a todo homem e mulher sinceros, que concordam com os princípios do evangelho de Jesus Cristo, que obedecem às ordenanças, sendo dignos delas, e recebem o Espírito de Deus e o Espírito Santo para os guiar.

É dado a alguns, diz o Senhor em Doutrina e Convênios, conhecer pelo Espírito Santo, que Jesus é o Filho de Deus e que foi crucificado pelos pecados do mundo.

Mas, o Senhor disse que havia outros mais a quem seria dado crer em Suas palavras para que também pudessem obter a vida eterna se continuassem fiéis até o fim. (Veja D&C 46:13-14.) Todos êsses podem conseguir o testemunho pelo cumprimento do dever.

Êles sabem que o Evangelho os ensina a serem melhores pessoas, que a obediência aos seus princípios os fazem homens mais fortes e mulheres muito mais fiéis. Todos os dias ganham tal conhecimento e não o podem negar; sabem que a obediência ao Evangelho de Jesus Cristo os faz melhores e mais fiéis maridos, verdadeiras e honráveis espôsas, filhos obedientes, e faz dêles, em todos os sentidos, edificadores ideais de lares.

Sabem que a obediência ao Evangelho promove verdadeira fraternidade e companheirismo entre os homens; sabem que são melhores concidadãos em virtude da obediência às leis e ordenanças. Através de suas atividades diárias e aplicando a religião às suas vocações, a verdade do Evangelho transparece em suas vidas.

O testemunho do Evangelho é uma âncora para a alma no meio de tôda a confusão e conflitos. Não podemos, então, possuindo êsse testemunho, manifestar ao mundo qualquer outro atributo da Igreja de Jesus Cristo, que não seja o amor?

O conhecimento de Deus e Suas leis significa estabilidade, significa contentamento, significa paz e, com isso, um coração pleno de amor, abrangendo nosso semelhante, oferecendo as mesmas bênçãos e também os mesmos privilégios.

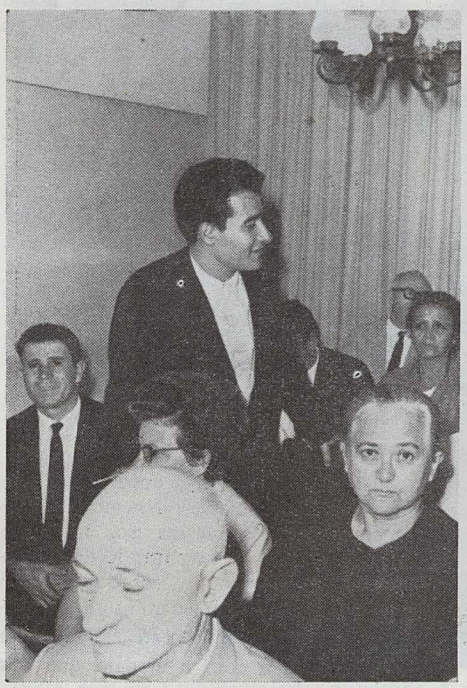
O amor promoverá tolerância e bondade. Tenhamos sempre em mente a caridade e amor uns pelos outros. Não nos permitamos lançar por terra a reputação de um irmão ou ferir seus sentimentos.

Permaneçamos com nossos corações concentrados e nossas mentes fixadas nesta verdade eterna — de que o Evangelho de Jesus Cristo está realmente entre os homens para a redenção e a salvação da família humana. Andemos sempre com êsse espírito, partilhando com nosso próximo o amor e a bondade.

EDITORIAL

Testemunho Pessoal

Presidente David O. McKay







JUVENTUDE DA PROMESSA

Haverá na terra um lugar em que Êle possa vir...

IRINEU PETRY



A dedicação ajuda na construção.



O espírito também se desenvolve.

Já ouviram apêlo mais dramático? Êle ecoa por todos os cantos da terra confrangendo corações piedosos e tocando fundo almas bem formadas. Quem ousará tapar os ouvidos e fugir... Quem ousará?

Êsse apêlo vem dos céus e é sussurrado numa voz de amor: "— E com ferro, cobre, latão, zinco e com tôdas as coisas preciosas da terra; e construí uma casa ao Meu nome, para que nela habite o Altíssimo. Pois não há lugar nenhum na terra em que Êle possa vir para restaurar outra vez aquilo que se perdeu, ou aquilo que Êle mesmo levou, mesmo a plenitude do sacerdócio." (D&C 124:27-28.)

E êsse apêlo tem fluído como uma caudal ao coração de nossa juventude magnânima e boa, e acorrem em massa de todos os recantos dêste nosso imenso e abençoado Brasil. São os nossos queridos irmãos, os missionários construtores.

Com seu entusiasmo e nada mais do que movidos pela sua imensa fé e testemunho, lançam-se destemerosamente a êsse empreendimento, no qual até à vespera não tinham qualquer experiência, pois sabem êles que a mesma Voz que faz êsse apêlo faz também esta promessa: — "Todo aquêle que tiver deixado casas, ou irmãos, ou irmãs, ou pai, ou mãe, ou mulher, ou filhos, ou terras, por amor do meu nome, receberá cem vêzes tanto e herdará a vida eterna." (Mateus 19:29.)

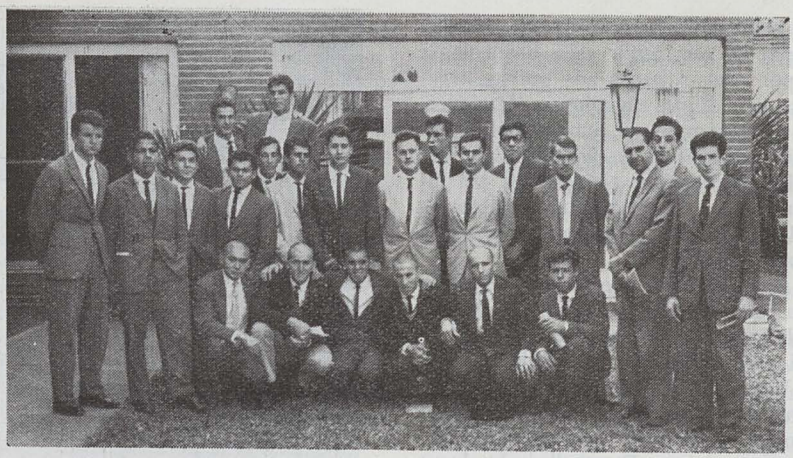
Há cento e trinta anos atrás, em Kirtland, reiniciou-se essa obra maravilhosa, com a mesma voz mansa e cheia de amor, murmurando docemente: — "Na verdade, vos digo, que é do meu desejo que a mim seja construída uma casa na terra de Sião, de conformidade com o modêlo que vos dei." (D&C 97:10.)



Êles realizam todos os trabalhos.



Aprendem bem e acabam técnicos.



Os missionários construtores também têm suas conferências especiais.



Os construtores chegam e inicia-se a obra com a limpeza do local.

Reiniciar. Restabelecer. Restaurar. Quantas vêzes, pelos milênios afora, as escrituras nos falam nesses termos? — "Por conseguinte Helamã e seus irmãos foram estabelecer novamente a igreja em todo o país..." (Alma 45:22.) E lemos que já era a Igreja de Jesus Cristo, quase um século antes d'Êle vir à terra (Idem 46:15.)

E vimos através das citações anteriores que a primeira Igreja de que a história nos fala, a qual foi construída no Continente Americano foi a Igreja de Jesus Cristo. E sabemos que a Igreja última que permanecer neste continente ainda será a Igreja de Jesus Cristo: — "...e isto nunca mais será tirado da terra, até que os filhos de Levi ofereçam outra vez, em retidão, um sacrifício ao Senhor."

Atualmente estão sendo construídas capelas em diversas cidades de diversos estados do Brasil. Jovens dignos e sadios estão dando generosamente o melhor de seus esforços.

Vejamos, por exemplo, o nosso irmão Rafael, cuja vida acompanhamos desde a sua infância.

Rafael tinha mais três irmãos e sua vida nada tinha de especial. Estudava; brigava, às vêzes com os demais irmãos. Em várias ocasiões contrariava seus pais. Tinha companheiros, alguns louváveis, outros francamente condenáveis. Incidentalmente visitava alguma igreja; qualquer uma.

Os caminhos estavam abertos; todos os caminhos, os bons e máus. E Rafael percorria a todos. Quantas vêzes, sem o perceber, estava tão próximo a cair no abismo. Também tinha bom ânimo para as coisas elevadas. Aos 15 anos, atraído por um programa da AMM, batizamo-lo.

A par das traquinagens que vivia fazendo (constantemente pregava peças em todos, em qualquer hora e em qualquer lugar), também trabalhava duro na limpeza do campo de esportes, na pregação e pintura da capela, em geral, colocando o martelo mais sôbre os dedos do que sôbre o prego e o pincel, muitas vêzes, tomava um curso estranho ao seu propósito. E assim o "problema" Rafael foi sendo cada vez mais amado pelos irmãos.

Logo após completar dezoito anos foi chamado para se dedicar à missão de construção o mesmo Rafael, com tôdas as suas conhecidas traquinagens de garôto, sua imaturidade, seu sorriso simpático e suas quase nulas qualificações para qualquer trabalho.

Dedicação auxilia progresso

Mas, não se sentiu só. Encontrou imediatamente encantadores irmãos de outras localidades; seus sotaques regionais o divertiam muito; e eram tão "peritos" quanto êle. E, dessa maneira, iniciou-se a construção de uma capela. E havia os mais variados serviços técnicos a serem empreendidos.

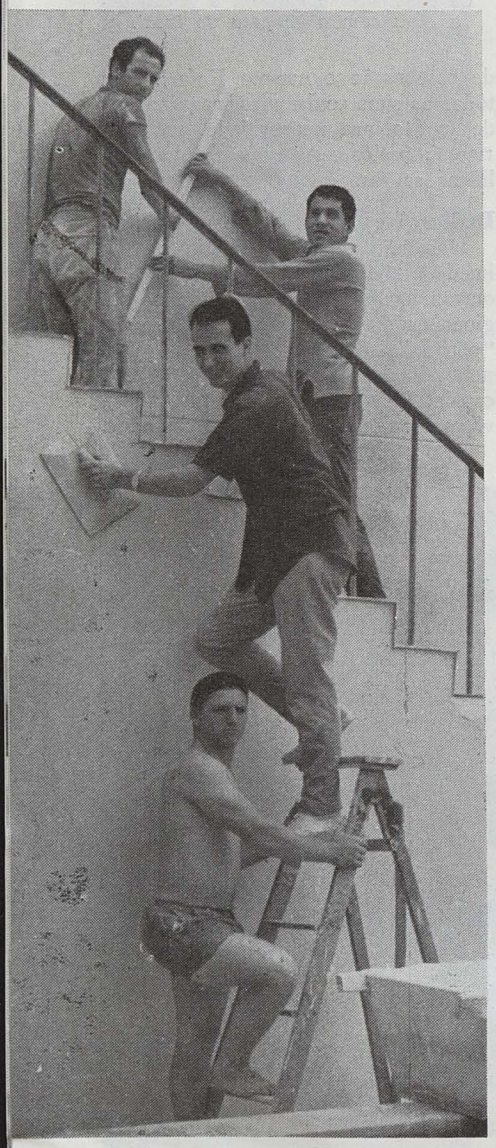


Junto com os pregadores vão edificando a capela, para os santos se reunirem.

Podia escolher entre quais queria ficar: pedreiros, ferramenteiros, eletricistas, encanadores, pintores, tapeceiros, operadores, decoradores etc...

A princípio as coisas mais incríveis aconteciam. Mas, cada jovem foi se definindo pelo trabalho para o qual mostrava maior vocação. Rafael decidiu-se pela eletricidade. E sua primeira ligação elétrica... não funcionou. Disseram-lhe que a eletricidade não passava porque o fio estava entupido. E Rafael já ia soprando no fio para desintupí-lo...

Hoje, terminada a sua missão, não há melhor eletricista em todo o seu bairro e o mais promissor estudante de eletrônica. Temos certeza de que, a par de seu amor pela arqueologia e por pregar peças aos outros, teremos um ótimo engenheiro eletrônico. Seus companheiros, muitos dêles, adquiriram uma profissão definida. Dois dêles tornaram-se tão peritos em fazer lages de concreto, que foram solicitados para trabalhar numa firma construtora.



Alegra-os o trabalho do Senhor.

A única coisa que todos trouxeram em comum de sua missão, e isso consideramos a prenda mais importante, foi um caráter bem formado.

Voltaram mais dignificados e com mais espiritualidade. Fizeram o trabalho do Senhor. E sua principal ferramenta foi o Evangelho de Jesus Cristo. E o mérito está estampado em suas faces jovens e belas. Brilham e sobressaem em qualquer meio onde se encontrem...

Cursaram a melhor escola possível de liderança. Seu caráter foi forjado num trabalho singular, um misto de aplicação material e desenvolvimento espiritual. Aprenderam a usar a fórmula certa que distingue o verdadeiro chefe: firmeza... com amor.

Tornaram-se amadurecidos e experientes, cidadãos mais dignos e produtivos. Voltando aos seus ramos fundamentais transmitem o seu próprio espírito moldado no sadio companheirismo de convívio com seus irmãos construtores.

De volta ao lar, tornam-se filhos mais respeitosos e mais amantes. Retornando ao estudo são colegas exemplares; no trabalho são proficientes e logo chamam a atenção de seus chefes para promoções. De volta... às suas namoradas, elas é que sentem com justo orgulho e íntima alegria que terão nêles seu companheiro ideal para a formação do lar santo. Nos ramos estão preparados para assumir qualquer responsabilidade solicitada ou cargo de liderança.

Os caminhos que andavam à roda de tôdas as indecisões e que tantas vêzes beiravam perigosamente os mais negros abismos foram substituídos por uma estrada reta e segura, ao fim da qual está Jesus Cristo.

Preparação para liderança

Durante sua missão de construção os jovens são solicitados a uma cooperação efetiva também no trabalho de evangelização.

No ramo em que está sendo construída a capela êles participam de tôdas as atividades, assumindo não



Membros também podem ajudar.

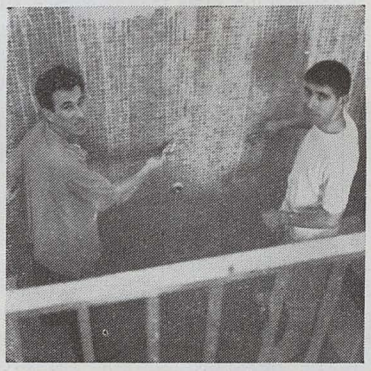
poucas vêzes cargos de liderança junto à Presidência, nas diversas auxiliares, como professôres, dirigentes de música, instrutores de esporte, etc.

Uma das vantagens do período missionário têm oportunidade de trabalhar junto com os pregadores, formando pares para sair ao campo, levando a mensagem do Evangelho aos lares e fazendo novos conversos. Desenvolvem seu sacerdócio, aumentam seus testemunhos etc.

Colaboração mútua

Os missionários pregadores também retribuem ajudando seus irmãos construtores nas edificações, numa perfeita e agradável confraternização, desenvolvendo aquêle espírito de companheirismo tão essenciais num líder e num bom cidadão.

Os membros, qualquer que seja a sua idade, posição, aptidão ou sexo,



Os retoques merecem todo carinho.

pode colaborar ativa e estreitamente nos trabalhos da construção, promovendo o confôrto e bem estar dos missionários.

Nos fins de semana, feriados e tempo disponível, os membros masculinos, com todo carinho, dirigem-se à construção e, contagiando e contagiados com o espírito entusiástico do companheirismo reinante, fazem o trabalho render ao máximo. E êsse contágio é tão alastrante que chega a atingir a pessoas estranhas que vão colaborar... e chegam até a se batizar.

Na construção de certa capela do Paraná, os construtores tiveram que trabalhar sem interrupção vinte e quatro horas, pois estavam fazendo a lage de concreto. E à noite, especialmente, o barulho tornou-se intolerável... para certo vizinho, que não podendo dormir, levantou-se, enfiou sua calça rancheiro e, dirigindo-se irado à construção, deu seu ultimato aos jovens: — "Já que vocês não me deixam dormir... deixem-me ao menos ajudar..."

Mulheres fazem sua parte

Às moças e senhoras não é pedido que trabalhem com concreto, tijolos ou carrinhos de mão. Mas, também têm sua parcela a realizar: limpar e pôr em ordem o alojamento e o refeitório dos missionários; pregando botões e remendando suas roupas de trabalho; lavando e engomando suas camisas; colocando flôres em seus recintos; enfim, há milhares de pequenos nadas que muito podem ajudar... sem atrapalhar.

Muitos membros têm qualificações técnicas aprimoradas e não só as aplicam aos irmãos construtores.

Outra participação importante e valiosa dos membros é no suprimento da cosinha dos missionários construtores, através da "campanha do quilo", iniciada no ano passado.

Cada membro, de acôrdo com suas posses, todos os meses, entrega ao "Comitê de Construção" seu quilo de feijão, de arroz, de macarrão, de óleo ou mesmo de um pacote de sabonetes. Aproveitam também todo o trato de terra disponível (horta ou terreno baldio) para plantarem batatas, hortaliças etc. Tudo ajuda.

Duas organização dos ramos têm especial destaque no bom sucesso da construção. Uma é a AMM, promovendo pique-niques, hamburgos, leilões de prendas etc. para angariar fundos de construção. E com que entusiasmo e sucesso a juventude de nossas AMMs vêm colaborando.

A outra parte, que tem sob sua responsabilidade maternal o bem estar e confôrto imediato dos jovens construtores é a Sociedade de Socorro. Essa magnífica plêiade de irmãs que com seu amor e dedicação transformam o rústico acampamento dos missionários construtores num lar.

Elas é que cuidam do confôrto material dos jovens.

Para que os jovens permaneçam sadios elas tomam conta da cosinha, distribuindo as tarefas de cosinhar e de organizar a despensa, fazendo êsse trabalho em rodísio ou encarregando uma irmã, cujas condições o ensejem, a ficar como cosinheira residente, atribuindo-lhe um ordenado que é rateado entre as irmãs.

Encarregam-se ainda de suprir os jovens de camisas, ternos, meias, malhas e o que mais precisarem para andarem decente e adequadamente vestidos. Colaboram na promoção de jantares, banquetes e lanches para angariar fundos de construção.



As senhoras fazem a sua parte.

Cada irmã da sociedade de socorro pode eleger-se "madrinha" de um jovem e levá-lo aos domingos a almoçar com sua família e a participar da sua vida familiar, dando-lhe guloseimas e outras pequenas necessidades, para que não sintam falta dos seus próprios lares, das suas mães, irmãos e mesmo de seus amigos.

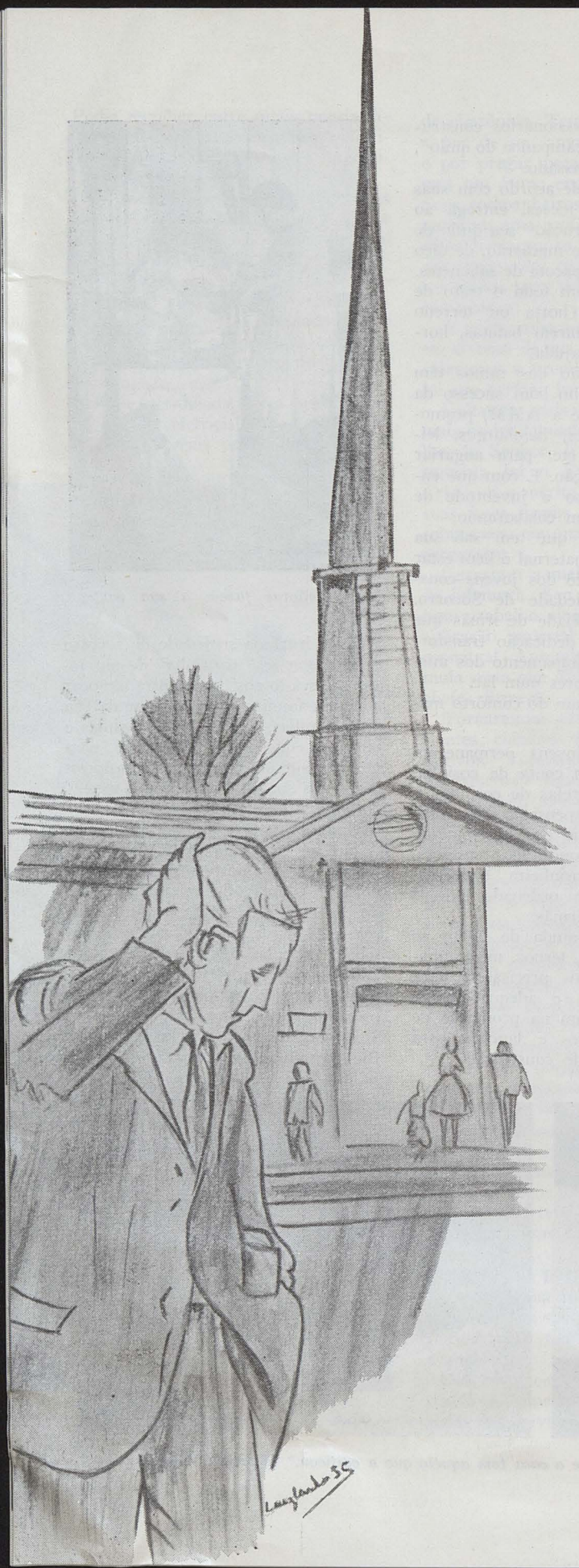
E, assim, todos ofertando o que têm de melhor tanto material como espiritualmente, fazendo todo sacrifício para o rápido desenvolvimento dessa obra do Senhor, tendo fé em Deus, tornar-se-ão herdeiros das bênçãos celestiais de felicidade e vida eterna e ainda poderão obter um testemunho e sentirem alegria ao reconhecerem que seu trabalho é aceito pelo Pai Celestial.

Haverá na terra um lugar em que Êle possa vir...





Diz o Senhor nas escrituras: "Maior honra do que a casa tem aquêle que a edificou." (Hebreus 3:3.)



Sacerdócio nas Missões

Se não houvesse lugar para o mêdo, haveria mais sucesso

"Eu estava com mêdo." Essa explicação tem sido usada por muitos dos homens que fazem parte do Sacerdócio Aarônico, com mais de 21 anos, em virtude de sua não participação nas atividades da Igreja.

A primeira responsabilidade dos que são chamados a trabalhar com êles é ajudá-los a controlar seu temor. Êste é um passo essencial no processo de motivá-los a aceitar responsabilidades e torná-los ativos no seu sacerdócio e, conseqüentemente, na Igreja.

"Eu estava com mêdo." Esta simples, mas significativa expressão, tem sido muito explorada pela grande maioria dos homens e mulheres desde o comêço dos tempos. Adão, quando chamado pelo Senhor no Jardim do Éden, respondeu: "... Ouvi Tua voz no jardim e tive mêdo, porque vi que estava nu e me escondi." (Moisés 4:16.)

Na parábola dos Talentos, usada por Jesus, o servo indolente que falhou em aplicar o seu talento, visando um fim lucrativo, admitiu a razão do seu ato com estas palavras: "...E, atemorizado, escondi na terra o teu talento." (Leia Mateus 25:14-30.)

"Eu estava com mêdo." Se os sentimentos interiores das pessoas pudessem realmente ser ouvidos, essa admissão de mêdo, por certo, seria a expressão mais comum. Uma das maiores fôrças tanto para o bem como para o mal no mundo é o mêdo. Nossos receios parece que moldam nosso caráter, quer para nossa vantagem, quer para nossa desvantagem. O resultado obtido depende daquilo que fazemos dêle, se nosso escravo ou nosso senhor.

O mêdo pode criar dentro de nós um ilimitado respeito por Deus e de uns para com os outros. Pode criar dentro de nós grandes fôrças diretivas e realizações magníficas. Pode dar incentivo a feitos maravilhosos e aumentar nossa fôrça física e poder intelectual. Pode. ainda, ser um servo de grande valor.

De certa maneira, o mêdo, em suas diversas formas e ações, tem sido a causa de fracassos. Tem desperdiçado sonhos e destruído visões. Tem impedido os homens de atingirem as maiores realizações de suas vidas e obterem suas maiores recompensas. Tem sido uma das causas capitais e, constantemente, desculpa por inatividade na Igreja.

Por outro lado, tem roubado homens maravilhosos de sua salvação. Tem privado famílias inteiras das bênçãos do Sacerdócio de Melquizedeque em seus lares. Tem impedido que muitos recebam suas ordenanças e selamentos. Tem mantido as pessoas afastadas de um serviço que lhes dá muita alegria.

O mêdo tem muitas faces. Êle se expressa em dúvida, inveja, esmorecimento, desespêro, insegurança e sentimentos de inferioridade. Os homens temem o que os outros podem dizer ou pensar a seu respeito; temem fracassos, perda de posição social ou saúde e, ainda, a perda de prestígio. Os homens temem a dôr, a morte e o futuro desconhecido. O mêdo constantemente conduz à frustração e a um estado mental de ansiedade.

Em geral, intensifica-se e transforma-se em coerção. Atinge um estado em que subsiste como uma fôrça incon-

trolável. Quando isso acontece o homem já se encontra indefeso em suas garras. E é aí que precisa de amigos e os precisa muito.

Em tais casos, sòmente com a ajuda externa é que o mêdo pode ser posto sob contrôle. É preciso solicitar ajuda ao Senhor e amigos dedicados que queiram cooperar.

O suposto homem indefeso pode, muitas vêzes, ser libertado de seu mêdo com algumas palavras de encorajamento, com um braço carinhoso sôbre seus ombros, ou uma manifestação de apreço e consideração.

Um homem pode superar seus receios pela fôrça que colhe do encorajamento de outros. A fôrça conjunta resulta em fôrça individual para cada membro participante do grupo. E o homem é capaz de, com semelhante ajuda, também transformar todos os seus receios em servos.

O primeiro passo para a vitória é admitir o mêdo com um sincero desejo de controlá-lo. Orar também é essencial. Deus espera ser um sócio convidado para ajudar os homens a trabalhar para que possam se assenhorearem dos seus receios.

Tudo isso, complementado por uma ação planejada e corajosa fará, seguramente, qualquer homem senhor do seu próprio destino. Um grande pensador, em resumo disse: "Esforce-se para fazer as coisas que teme, a fazê-las e a continuar a fazê-las, até construir para si próprio um arquivo repleto de sucessos."

Aquêles que são chamados para trabalhar junto aos membros do Sacerdócio Aarônico e permanecem inativos na Igreja, devem procurar conhecer todos os temores e inibições que os perturbam e impedem o seu sucesso.

Pensem na energia em potencial para o bem e para o mal das fôrças que existem no mêdo. Ponham-nas sob luz propícia, dêem a necessária direção pessoal e façam com que andem sob contrôle.

"Eu estava com mêdo." Faça dêsse postulado uma razão para ações vitoriosas em lugar de uma desculpa para malefícios.

JESUS, O CRISTO

JAMES E. TALMAGE

CAPÍTULO VII

A Anunciação de João e Jesus por Gabriel

Ao lado de profecias do nascimento de Cristo encontramos predições a respeito de *um* que haveria de precedê-lo, vindo antes, para preparar o caminho. Não é surpreendente que a anunciação do advento do precursor tenha sido ràpidamente seguida pela do Messias; nem que as proclamações tenham sido feitas pelo mesmo embaixador celestial — Gabriel, enviado da presença de Deus.[a]

Cêrca de quinze meses antes do nascimento do Salvador, Zacarias, sacerdote da ordem aarônica, estava oficiando nas suas funções no templo de Jerusalém. Sua espôsa, Isabel, era também de família sacerdotal, pertencendo à descendência de Aarão. O casal não tinha sido antes abençoado com filhos, e no tempo ao qual nos referimos, eram idosos e já tinham perdido com tristeza as esperanças de posteridade. Zacarias pertencia à ordem sacerdotal de Abias. Esta era a oitava entre as vinte e quatro ordens estabelecidas pelo rei Davi, cada ordem sendo indicada para servir uma vez por semana no santuário.[b] Na volta do povo da Babilônia, apenas quatro das ordens foram representadas, com uma média de mil e quatrocentos homens em cada uma.[c]

Durante sua semana de serviço, era requerido que cada sacerdote mantivesse escrupulosamente um estado de pureza cerimonial de sua pessoa. Tinha que fazer abstinência de vinho e alimentos, exceto dos especialmente prescritos, e se banhar freqüentemente. Permanecia dentro dos recintos do templo, ficando, portanto, isolado da associação familiar. Não era permitido que se aproximasse dos mortos, nem que lamentasse, segundo o costume estabelecido, se a morte lhe roubasse mesmo um de seus mais próximos e queridos parentes. A seleção diária do sacerdote que devia entrar no Lugar Santo e queimar o incenso no altar de ouro, era determinada por sorte;[d] e também sabemos por fontes históricas não das escrituras, que em virtude do grande número de sacerdotes a honra de assim oficiar raramente era dada duas vêzes à mesma pessoa.

Neste dia a sorte caiu para Zacarias. Era uma ocasião muito solene na vida do humilde sacerdote judeu — êste único dia em sua vida em que lhe era requerido o especial e particularmente sagrado serviço. Dentro do Lugar Santo êle ficava separado pelo véu do templo do Oráculo ou Lugar Santíssimo — o santuário interior em que ninguém,

a. Lucas 1:19,26; veja também Daniel 8:16; 9:21-23.
b. Lucas 1:5; compare com 1 Crônicas 24:10.
c. Esdras 2:36-39.
d. Lucas 1:8,9; leia o capítulo inteiro.
e. Lev. 16; Hebr. 9:1-7; veja também "House of the Lord", p. 59 e compare p. 24 e 39. Nota 6, fim do capítulo.

senão o sumo-sacerdote, podia entrar, e êste apenas no dia da Expiação, depois de uma longa preparação cerimonial.[e] O lugar e a ocasião provocaram os sentimentos mais nobres e reverentes. Ao exercer Zacarias seu ministério dentro do Lugar Santo, o povo que estava fora se ajoelhou em oração, esperando que aparecessem as nuvens de fumaça do incenso sôbre a grande divisão, que formava a barreira entre o lugar de assembléia geral e o Lugar Santo, e esperando a reaparição do sacerdote e sua bênção.

JOÃO, O PRECURSOR

Neste momento supremo de seu serviço sacerdotal, apareceu ante os olhos assombrados de Zacarias, à direita do altar do incenso, um anjo do Senhor. Haviam passado muitas gerações entre os judeus sem que se manifestasse, dentro do templo, uma presença visível não humana, tanto no Lugar Santo como no Santo dos Santos; pois o povo considerava as visitações pessoais de seres celestiais como ocorrências do passado e quase haviam chegado a crer que não havia mais profetas em Israel.

Não obstante, havia sempre um sentimento de ansiedade, semelhante a um desassossêgo, cada vez que um sacerdote se aproximava do santuário interior, que era considerado como morada particular de Jeová, se acaso se dignasse visitar Seu povo. Em vista destas condições, lemos sem surpresa que esta presença angelical perturbou Zacarias e deu-lhe mêdo.

As palavras do visitante celestial, entretanto, foram confortadoras, embora de importância surpreendente, representando a certeza absoluta de que suas orações tinham sido ouvidas e que sua espôsa geraria um filho, que deveria ser chamado João.[f] A promessa foi ainda mais explícita, especificando que a criança que nasceria de Isabel seria uma bênção ao povo; muitos se regozijariam com seu nascimento; êle seria grande aos olhos do Senhor e não deveria beber vinho nem bebidas fortes;[g] haveria de ter o Espírito Santo; seria o intermediário em trazer muitas almas a Deus e deveria preceder o Messias, a fim de preparar o povo para O receber.

Sem dúvida, Zacarias reconheceu no futuro predito da criança ainda não nascida o grande precursor, de quem os profetas tinham falado e o salmista cantado; mas, que seria filho seu e de sua idosa espôsa, parecia impossível, a despeito da promessa do anjo.

O homem duvidou e perguntou de que maneira poderia saber se era verdade o que lhe estava dizendo o anjo: "Respondeu-lhe o anjo: Eu sou Gabriel, que assisto diante de Deus e fui enviado para falar-te e trazer-te estas boas novas. Todavia, ficarás mudo e não poderás falar até o dia em que estas coisas venham a realizar-se; porquanto, não acreditaste nas minhas palavras, as quais a seu tempo se cumprirão."[h]

Quando o altamente abençoado sacerdote, embora muito aflito, finalmente saiu e se apresentou diante da congregação, ansiosa em virtude de sua demora, não pôde senão silenciosamente despedir a assembléia e através de sinais indicar que havia tido uma visão. O castigo pela dúvida que havia manifestado já estava em operação: Zacarias estava mudo.

No devido tempo, a criança nasceu na comunidade montanhosa da Judéia,[i] onde Zacarias e Isabel tinham sua casa; e, no oitavo dia depois do nascimento, a família se reuniu de acôrdo com o costume e requisitos mosaicos, para dar nome à criança, segundo o rito de circuncisão.[j]

Zacarias despresou tôdas as sugestões de dar o nome de seu pai e escreveu com decisiva finalidade: "Seu nome é João." Nesse momento foi solta a língua do sacerdote mudo[l] e encheu-se do Espírito Santo. Fluindo em profecia, prestou culto e cantou; suas aparições inspiradas foram postas em música e são cantadas em culto por muitas congregações cristãs como o Benedictus:

"Bendito seja o Senhor Deus de Israel, porque visitou e redimiu Seu povo e nos suscitou plena e poderosa salvação na casa de Davi, Seu servo, como prometera desde a antiguidade por bôca dos Seus santos profetas, para nos libertar dos nossos inimigos e da mão de todos os que nos odeiam; para usar de misericórdia com os nossos pais e lembrar-Se de Seu santo convênio e da promessa que fêz ao nosso pai Abraão, de conceder-nos que, uma vez livres da mão de inimigos, O adorássemos sem temor, em santidade e justiça perante êle, todos os nossos dias. Tu, menino, serás chamado Profeta do Altíssimo, porque precederás o Senhor, preparando-Lhe os caminhos, para dar ao seu povo conhecimento da salvação pela remissão dos seus pecados; pela terna misericórdia de nosso Deus, pela qual nos visitará o sol nascente das alturas, para lumiar os que jazem nas trevas e na sombra da morte e dirigir os nossos pés pelo caminho da paz."[m]

As últimas palavras que Zacarias pronunciou antes de ser atingido pela mudez foram de dúvida e descrença, palavras nas quais pedia um sinal como prova de autoridade de alguém que viesse da presença do Todo-poderoso; as palavras com as quais quebrou seu longo silêncio foram de louvor a Deus em quem tinha tôda confiança; palavras que foram como sinal para todos que as ouviram, e a fama do acontecido espalhou-se por tôda a região.

A circunstância não comum do nascimento de João, notàvelmente os meses de mudez por que passou seu pai, e a repentina recuperação de sua fala, quando indicava o nome que havia sido ordenado para seu filho, fizeram com que muitos se maravilhassem e outros se enchessem de temor, dizendo: "Que virá a ser, pois, êste menino?"

Quando crescido, João ergueu sua voz nos desertos, novamente em cumprimento à profecia, fazendo com que o povo se perguntasse se êle não era o Messias.[n] De sua vida, entre a infância e seu ministério público, um período de aproximadamente trinta anos, não temos registro, além da simples sentença: "O menino crescia e se fortalecia em espírito. E viveu nos desertos até ao dia em que havia de manifestar-se a Israel."[o]

Seis meses depois da visitação de Gabriel a Zacarias e três meses antes do nascimento de João, o mesmo men-

f. Leia a nota 1 do capítulo 4. Para outros exemplos de crianças prometidas a despeito de esterilidade devida à idade ou outras causas, veja também Isaque (Gen. 17:16,17 e 21:1-3); Sansão (Juízes, cap. 13); Samuel (1 Sam. 1); filho da sunamita (2 Reis 4:14-17).

g. Nota 1, no fim do capítulo.

h. Lucas 1:19,20.

i. Lucas 1:57; compare verso 39.

j. Nota 2, no fim do capítulo.

l. Nota 3, no fim do capítulo.

m. Lucas 1:68-79.

n. Lucas 1:65, 66; veja também 3:15.

o. Lucas 1:80.

sageiro celestial foi enviado a uma jovem de nome Maria, que morava em Nazaré, uma cidade da Galiléia. Ela era da linhagem de Davi; e embora fôsse solteira, estava casada com um homem chamado José, que também era de descendência real através da linhagem de Davi.

A ANUNCIAÇÃO À VIRGEM

A saudação do anjo, cheio de honra e bênção, fêz com que Maria se maravilhasse e se sentisse perturbada. "Salve! agraciada. O Senhor é contigo, bendita és tu entre as mulheres";[p] assim Gabriel saudou a virgem.

Em comum com muitas outras filhas de Israel, especìficamente as pertencentes à tribo de Judá, cuja descendência de Davi já era conhecida, Maria indubitàvelmente tinha contemplado com alegria santa e êxtase a vinda do Messias através linhagem real, pois sabia que alguma donzela judia chegaria a ser a mãe de Cristo. Seria possível que as palavras que lhe dirigia o anjo se relacionassem com esta esperança suprema da nação?

Não teve muito tempo para meditar sôbre estas coisas, porque o anjo continuou: "Maria não temas; porque achaste graça diante de Deus. Eis que conceberás e darás à luz um filho a quem chamarás pelo nome de Jesus. Êste será grande e será chamado Filho do Altíssimo; Deus, o Senhor, lhe dará o trono de Davi, seu pai; êle reinará para sempre sôbre a casa de Jacó e o seu reinado não terá fim."[q]

Mesmo assim, ela compreendeu apenas parte da importância desta visita solene. Não com o espírito de dúvida que havia provocado que Zacarias pedisse um sinal, mas com um desejo sincero de que se lhe informasse e explicasse, Maria, conciente de seu status de solteira e certa de sua condição de virgem, perguntou: "Como será isto, pois não tenho relação com homem algum?"

A resposta a sua pergunta natural e simples foi a anunciação de um milagre que o mundo nunca havia conhecido — não um milagre no sentido de um acontecimento contrário à natureza da lei, não obstante um milagre que se realizaria através da operação de uma lei maior e de natureza tal, que a mente humana comum não chega a compreender ou mesmo considerar possível.

Foi então, informado a Maria que ela ia conceber e, no devido tempo, ter um Filho, do qual nenhum mortal seria o pai: "Respondendo-lhe o anjo: Descerá sôbre ti o Espírito Santo e o poder do Altíssimo te envolverá com a sua sombra; por isso também o ente santo que há de nascer, será chamado Filho de Deus."[r]

Então o anjo falou-lhe a respeito da condição abençoada de sua prima Isabel, que era estéril, e como explicação final e suficiente, adicionou: "Porque para Deus não haverá impossíveis em tôdas as suas promessas." Com gentil submissão e humilde aceitação, a jovem virgem replicou: "Aqui está a serva do Senhor; que se cumpra em mim conforme a tua palavra."

Havendo comunicado sua mensagem, Gabriel partiu, deixando a escolhida virgem de Nazaré a ponderar sôbre sua maravilhosa experiência. O Filho prometido de Maria devia ser o "Unigênito" do Pai na carne; como havia sido predito positiva e abundantemente.

Na realidade o evento não tinha precedentes; e também não encontrava qualquer paralelo; porém a singularidade do nascimento virginal era tão verdadeiramente essencial para o cumprimento da profecia, como a ocorrência em si.

Aquela criança que nasceria de Maria era gerada de Eloim, o Pai Eterno, não em violação à lei natural, mas de acôrdo com uma manifestação superior da mesma; e o filho dessa associação de santidade suprema — Paternidade celestial e maternidade pura, embora terrena — haveria de chamar-se com tôda propriedade, "Filho do Altíssimo".

Em Sua natureza haviam de combinar-se os poderes da Divindade com a capacidade e possibilidades do estado mortal, de acôrdo com a operação normal da lei fundamental de hereditariedade — declarada por Deus, demonstrada pela ciência e admitida pela filosofia — de que todos os seres viventes se hão de propagar segundo sua própria espécie. O menino Jesus deveria herdar os traços físicos, mentais e espirituais, tendências e poderes que caracterizavam Seus pais, um dêles mortal e glorificado — Deus e o outro humano — uma mulher.

Jesus Cristo deveria nascer de uma mulher mortal, mas não era diretamente progênie de um homem mortal, exceto através de Sua mãe que era filha de homem e mulher mortais. Apenas em nosso Senhor foi cumprida a palavra de Deus com relação à queda de Adão, que a *semente da mulher* teria poder para sobrepujar Satanás esmagando a cabeça da serpente.[s]

Com respeito ao lugar, condição e ambiente em geral, a anunciação de Gabriel a Zacarias oferece grande contraste com a mensagem recebida por Maria. O precursor do Senhor foi anunciado a seu pai dentro do magnificente templo e num lugar extremamente sagrado, que só um lugar dessa Casa Santa o sobrepujava, banhado pela luz que irradiava do candelabro de ouro e iluminado também pela luz dos carvões acesos sôbre o altar de ouro.

O Messias foi anunciado a sua mãe em uma pequena cidade, longe da capital do templo, mais provàvelmente dentro das paredes de uma humilde casa da cidade chamada Galiléia.

A VISITA DE MARIA A SUA PRIMA ISABEL

Era natural que Maria, achando-se só com um segredo em sua alma, mais santo, maior e mais emocionante que qualquer outro já conhecido antes ou depois, buscara companhia, e de alguém de seu próprio sexo, em quem pudesse confiar, de quem pudesse receber confôrto e apoio, e a quem não seria errado contar aquilo que, naquela ocasião, era provàvelmente desconhecido por qualquer mortal, exceto ela mesma. Por certo, seu visitante celestial deve ter sugerido tudo isto em sua menção de Isabel, prima de Maria, pois ela própria era objeto de uma bênção extraordinária e uma mulher através de quem um outro milagre de Deus havia sido efetuado.

Maria partiu imediatamente de Nazaré para a comarca montanhosa da Judéia, numa viagem de cêrca de cento e sessenta quilômetros, se é verídica a tradição de que a casa de Zacarias ficava no pequeno povoado chamado Jutá.

Havia alegria mútua entre Maria, a jovem virgem, e Isabel, já bem idosa. Pelas palavras de Gabriel que seu espôso havia comunicado, Isabel sabia que o nascimento de seu filho deveria ser logo seguido pelo nascimento do

p. Lucas 1:28.
q. Lucas 1:30-33.
r. Lucas 1:35; veja também os versos precedentes, 31-33.
s. Leia os primeiros parágrafos do cap. 5. Gênesis 3:15.

Messias, e, portanto, o dia pelo qual Isabel tinha esperado e orado, através da grande escuridão dos séculos estava para amanhecer. Quando a saudação de Maria chegou a seus ouvidos, o Espírito Santo deu testemunho de que a mãe escolhida para o Senhor estava diante dela, na pessoa de sua prima irmã; e ao sentir aquela sensação física do movimento de sua própria concepção bendita, correspondeu à saudação de sua visitante com reverência: "Bendita és tu entre as mulheres e bendito o fruto de teu ventre. E' de onde me provém que me venha visitar a mãe de meu Senhor?"[t] Maria respondeu com o glorioso hino de louvor adotado no ritual musical das igrejas como o Magnífico:



"E naqueles dias, levantando-se Maria, foi apressada às montanhas, a uma cidade de Judá, e entrou em casa de Zacarias, e saudou a Isabel. E aconteceu que, ao ouvir Isabel a saudação de Maria, a criancinha saltou no seu ventre, e Isabel foi cheia do Espírito Santo."

"A minha alma engrandece ao Senhor e o meu espírito se alegrou em Deus, meu Salvador, porque contemplou na humildade da Sua serva; pois desde agora tôdas as gerações me considerarão bem-aventurada, porque o Poderoso me fêz grandes coisas. Santo é o meu nome. A Sua misericórdia vai de geração em geração sôbre os que O temem. Agiu com o Seu braço valorosamente; dispersou os que no coração alimentavam pensamentos soberbos. Derrubou dos seus tronos os poderosos e exaltou os humildes. Encheu de bens os famintos e despediu vazios os ricos. Amparou a Israel, Seu servo, a fim de lembrar-se da Sua misericórdia, a favor de Abraão e de sua descendência, para sempre, como prometera aos nossos pais."[u]

MARIA E JOSÉ

A visita durou cêrca de três meses, depois do que Maria voltou a Nazaré. O real embaraço de sua posição enfrentaria agora. Na casa de sua prima ela havia sido entendida; sua condição serviu para confirmar o testemunho de Zacarias e Isabel; mas será que sua palavra seria recebida em sua própria casa? E especialmente, como seria considerada pelo varão que a haveria de esposar?[v]

Naquele tempo, o contrato de casamento era até certo ponto, tão válido como o casamento em si e só poderia ser desfeito por uma cerimônia de separação semelhante ao divórcio; embora o contrato de casamento não fôsse senão uma promessa de contrair matrimônio e não o próprio matrimônio. Quando José cumprimentou sua noiva prometida depois de três meses de ausência, desapontou-se diante das indicações de sua perspectiva de maternidade. Neste caso a lei judaica proveria a anulação de um contrato de casamento tanto por julgamento público como por acôrdo particular, através de um documento escrito, assinado na presença de algumas testemunhas.

José era um homem justo, rigoroso observador da lei, embora não extremista severo; ademais, amava Maria e impediria que se sujeitasse a humilhação desnecessária, qualquer que fôsse sua mágua e sofrimento. Ao pensar em Maria, tinha horror à publicidade; e, portanto, determinou imediatámente que fôsse anulado o contrato de casamento com a máxima reserva permitida pela lei.

Não obstante, êle estava perturbado e meditava cuidadosamente em seu dever no caso, quando "...eis que lhe apareceu, em sonho, um anjo do Senhor, dizendo: José, filho de Davi, não temas receber Maria tua mulher, porque o que nela foi gerado é do Espírito Santo. Ela dará à luz um filho e lhe porás o nome de Jesus, porque êle salvará o seu povo dos pecados dêles."[x]

Grande foi o alívio mental de José; e grande sua alegria quando compreendeu que a vinda do Messias, predita há muito tempo, estava próxima; as palavras dos profetas seriam cumpridas; uma virgem, para êle a mais querida do mundo, haveria de conceber e, no devido tempo, dar à luz aquêle abençoado Filho, Emanuel, cujo nome significa: "Deus conosco".[z]

A saudação do anjo foi significativa; "José, filho de Davi", foi a forma de referência que usou; e êsse título

t. Lucas 1:42; leia também os versos 39-56.
u. Lucas 1:46-55.
v. Nota 4, no fim do capítulo.
x. Mateus 1:20,21; leia 18-25.
z. Mat. 1:22-23; compare Isaias 7:14; veja também 9:6.

real deve ter significado para José que, embora fôsse de linhagem real, o casamento com Maria não prejudicaria seu status familiar. José não titubeou; para dar a Maria tôda a proteção e estabelecer seu direito legal como seu guardião legítimo, apressou a realização da solenidade de casamento, e "Despertado José do sono, fêz como lhe ordenara o anjo do Senhor, e recebeu sua mulher. Contudo, não a conheceu enquanto ela não deu à luz um filho, a quem pôs o nome de Jesus."[a]

A esperança nacional de um Messias, baseada na promessa e profecia, tinha se tornado confusa na mente dos judeus, embora a influência do rabinismo com suas muitas fantasias e sua "interpretação particular"[b] parecesse autorizada, em virtude do prestígio artificialmente mantido por seus expositores. Certas condições foram enfatizadas como essenciais, mesmo pelos rabinos, pelas quais seriam julgadas as pretenções de qualquer judeu que declarasse ser *Aquêle* que há tempo esperavam.

Era indubitável que o Messias estava para nascer dentro da tribo de Judá e através da linhagem de Davi. E, sendo êle de Davi, seria forçosamente da linhagem de Abraão, através de cuja posteridade, de acôrdo com o convênio, tôdas as nações da terra seriam abençoadas.[c]

No Nôvo Testamento são encontrados dois registros genealógicos que têm por objetivo dar a linhagem de Jesus: um no primeiro capítulo de Mateus e outro no terceiro capítulo de Lucas. Êsses registros apresentam várias discrepâncias, as quais têm sido satisfatòriamente reconciliadas pela pesquisa de especialistas na genealogia judaica.

Nenhuma análise detalhada do assunto será feita aqui; entretanto, deve ser lembrado que o critério de julgamento dos investigadores concorda que a narração de Mateus estabelece a linhagem real, mostrando a ordem de seqüência entre os sucessores legais ao trono de Davi, enquanto a narração de Lucas é uma genealogia pessoal, demonstrando a descendência de Davi, sem considerar a linha de sucessão legal ao trono, através de primogenitura ou parentesco próximo.[d]

Mas, o registro de Lucas é considerado por muitos, como a linhagem de Maria, enquanto o de Mateus é aceito como sendo de José. Fato importante é que o Menino prometido por Gabriel a Maria, a virgem noiva de José, nasceria de linhagem real. A genealogia pessoal de José era tão essencial quanto a de Maria, pois eram primos. José é chamado filho de Jacó por Mateus e filho de Heli por Lucas; porém, Jacó e Heli eram irmãos e parece que um dos dois era pai de José e outro pai de Maria e, portanto, pai por lei de José.

Em muitas escrituras é estabelecida claramente a descendência davídica de Maria; pois, sendo que Jesus haveria de nascer de Maria, ainda que não sob a paternidade de José, que era pai declarado e, de acôrdo com a lei dos judeus, o pai legal, o sangue da posteridade de Davi foi dado ao corpo de Jesus através apenas de Maria. Nosso Senhor, embora repetidamente chamado o Filho de Davi, nunca repudiou o título, mas o aceitou como se lhe correspondesse.

O testemunho apostólico permanece como afirmação de Paulo, o fariseu letrado: "Com respeito a Seu Filho Jesus Cristo, nosso Senhor, o qual segundo a carne, veio da descendência de Davi"; e novamente: "Lembra-te de Jesus Cristo, ressuscitado de entre os mortos, descendente de Davi."[f]

Em nenhuma das perseguições feitas por Seus inimigos implacáveis, nem tôdas as acusações falsas feitas contra Êle, sacrilégios ou blasfêmias baseadas em Sua aceitação como o próprio Messias, é mencionado, nem mesmo como insinuação, que Êle não poderia ser o Cristo por qualquer impossibilidade determinada por Sua linhagem.

Os judeus de antes, durante e depois do tempo de Cristo tinham o costume de guardar sua genealogia. Na verdade, sua história nacional era em grande parte formada por registros genealógicos; e qualquer possibilidade de negação do Cristo por causa de inexistência de provas de Sua descendência teria sido utilizada ao máximo pelos insistentes fariseus, escribas letrados, rabinos altivos e saduceus aristocratas.

No tempo do nascimento do Salvador, Israel era governada por monarcas estrangeiros. Os direitos da família real davídica não eram reconhecidos e o legislador dos judeus era indicado por Roma. Se Judá fôsse uma nação livre e independente, governada por um soberano legal, José o carpinteiro teria sido coroado rei; e seu sucessor legal ao trono, evidentemente, teria sido seu filho Jesus de Nazaré, o rei dos Judeus.

A anunciação de Gabriel a Maria foi concernente ao Filho de Davi, em cuja vinda residia a esperança de Israel como sôbre um alicerce seguro. O Ser anunciado era Emanuel, o próprio Deus que haveria de habitar na carne com Seu povo,[g] o Redentor do mundo, Jesus, o Cristo.

a. Mateus 1:24,25.
b. 2 Pedro 1:20.
c. Leia Gênesis 12:3; 18:18; 22:18; 26:4; compare com Atos 3:25; e também Gálatas 3:8.
d. Nota 5, no fim do capítulo.
e. Outros exemplos veja em Mateus 9:27; 15:22; 21:9; 20:30,31, com os quais compare Lucas 18:38,39.
f. Rom. 1:3; 2 Tim. 2:8; Atos 2:30; 13:23; compare com Salmos 132:11; Lucas 1:32.
g. Mateus 1:23.

NOTAS

1. *João, o Batista, considerado como nazarita* — As instruções do anjo Gabriel a Zacarias, que o filho prometido, João, não deveria "beber vinho ou bebida forte" e a vida adulta de João no deserto, aliada a seu hábito de usar roupas rústicas, tem levado comentadores e especialistas bíblicos a aceitar que foi um nazarita durante tôda a vida.

Entretanto, deve ser lembrado que em nenhum lugar das escrituras João, o Batista, é chamado definitivamente de nazarita. Um nazarita, que significa consagrado ou separado, era aquêle que por voto pessoal ou feito por seus pais, era escolhido para alguma obra especial ou um tipo de vida que incluia abnegação. (Veja os últimos parágrafos do capítulo 6).

O Comparative Dictionary of the Bible, de Smith, diz: "No Pentatêuco não há menção dos nazireus de vida; mas dá as regulamentações para o voto de um nazireu temporário." (Num. 6:1-2.)

"O nazireu durante o tempo de sua consagração, devia se abster de vinho, uvas e qualquer produto da vinha, assim como de qualquer bebida intoxicante. Era proibido de cortar os cabelos de sua cabeça ou de se aproximar de qualquer corpo morto, mesmo que fôsse de seus parentes mais próximos." O único exemplo de nazariado de vida indicado nas escrituras é Sansão, a cuja mãe foi requerido que o pusesse em observância de nazireu antes de seu nascimento, e o me-

nino deveria ser um nazariado para Deus, desde seu nascimento (Juízes 13:3-7,14.) Na rigidez de sua vida deve ser atribuído a João Batista tôda a disciplina pessoal requerida dos nazireus, quer se estava sob voto voluntário ou feito por seus pais, ou sem ter nenhuma obrigação dessa natureza.

2. *A circuncisão* — Enquanto não exclusivamente uma prática hebraica ou israelita, era um requisito definido através de revelações de Deus a Abraão, como sinal do convênio entre Jeová e o patriarca. (Gen. 17:9-14.) Êste convênio foi feito para incluir o estabelecimento da posteridade de Abraão, como uma grande nação, e para que através de sua descendência tôdas as nações da terra fôssem abençoadas (Gen. 22:18) — uma promessa significando que o Messias deveria nascer através dessa linhagem.

A circuncisão era uma condição obrigatória; e sua prática, portanto, tornou-se uma característica nacional. Todos os homens deveriam ser circuncidados oito dias após seu nascimento. (Gen. 17:12; Lev. 12:3.) O requisito com referência à idade era tão rigoroso, que deveria ser realizado mesmo que o oitavo dia fôsse sábado. (João 7:22,23.) Todos os escravos do sexo masculino deveriam ser circuncidados (Gen. 17:12,13) e mesmo os estrangeiros que habitassem com os hebreus e desejassem participar da Páscoa com êles tinham que se submeter a êsse requisito. (Êxo. 12:48.)

A citação a seguir foi extraída do Standard Bible Dictionary: "A cerimônia indicava abandono da impureza como preparação para participar dos privilégios da qualidade de membros de Israel. No Nôvo Testamento, com sua transferência de ênfase do aspecto externo e formal para o interno e espiritual das coisas, foi primeiramente declarado desnecessário que os gentios conversos ao evangelho fôssem circuncidados (Atos 15:28) e mais tarde êsse rito foi abandonado mesmo pelos próprios judeus cristãos." Tornou-se costumeiro dar nome à criança no dia da circuncisão, como aconteceu, por exemplo, no caso de João, filho de Zacarias. (Lucas 1:59.)

3. *Aflição de Zacarias* — O sinal ao qual Zacarias respondeu foi dado pelo anjo: "Todavia ficarás mudo, e não poderás falar até ao dia em que estas coisas venham a realizar-se; porquanto não acreditaste nas minhas palavras, as quais a seu tempo se cumprirão." (Lucas 1:20.)

Do registro da circuncisão e nomeação do menino João, é afirmado por alguns que o pai aflito também estava mudo, quando lhe perguntaram "por sinais" como queria que se chamasse seu filho. (Veja o versículo 62.)

4. *Os esponsais judeus* — O voto de esponsais ou contrato de casamento, sempre foi considerado sagrado e obrigatório pela lei judaica. De certa forma era tão válido como a própria cerimônia do casamento, embora não enquadrasse nenhum dos direitos particulares do casamento.

As sucintas afirmações a seguir são tiradas do livro Life and Words of Christ, de Geikie, vol. 1, p. 99: "Entre os judeus do templo de Maria era algo mais que um compromisso (Mais tarde deixou de ser assim.) O contrato de casamento era feito formalmente com alegria na casa da noiva, sob uma tenda ou coberta levantada com êsse propósito. Era conhecido como ato de "consagrar", uma vez que a noiva, dêsse momento em diante, era sagrada a seu marido no sentido mais estrito. Para dar-lhe forma legal, o noivo dava à sua desposada uma moeda ou seu equivalente, diante das testemunhas, com as palavras: 'Eis que tu a mim estás desposada', ou por documento escrito no qual apareciam as palavras semelhantes e o nome de solteira da noiva, e esta fazia o mesmo."

5. *Genealogias de José e Maria* — "É quase certo que as genealogias de ambos os evangelhos são as genealogias de José, que, se podemos depender das antigas tradições de sua consanguinidade, envolvem a genealogia de Maria também. A descendência davídica de Maria aparece em Atos 2:30; 13:23; Rom. 1:3; Lucas 1:32 etc. São Mateus dá a descendência legal de José através de uma linha maior e real, como herdeira do trono de Davi; São Lucas dá a descendência natural. Portanto, o pai verdadeiro de Salatiel era herdeiro da casa de Natan. Jaconias, que não teve filhos, (Jer. 22:30) foi o último representante direto da linha real maior.

A omissão de alguns nomes obscuros e a distribuição simétrica em grupos de dez era um costume judeu. Não é exagêro dizer que depois das obras de Mill (On the Mythical Interpretation of the Gospel, pp. 147-217) e Lord A. C. Hervey (On the Genealogies of Our Lord, 1853), poucas são as dificuldades que permanecem para reconciliação de divergências aparentes. E, portanto, neste, como em muitos outros exemplos, as grandes discrepâncias que parecem ser quase irreconciliáveis, e mais fatais para a precisão histórica dos quatro evangelistas, resultam ser, ao investigar-se com mais cuidado e paciência, provas adicionais que não são apenas inteiramente independentes, mas também dignas de confiança" — Farrar, Life of Christ, p. 27, nota.

O autor do artigo "Genealogia de Jesus Cristo", no Bible Dictionary, de Smith, diz: "O Nôvo Testamento dá-nos a genealogia de apenas uma pessoa, nosso Salvador (Mateus 1; Lucas 3)... As proposições a seguir explicarão a verdadeira construção dessas genealogias (assim, Lord A. C. Hervey): 1. São ambas genealogias de José, isto é, de Jesus Cristo como filho suposto e legal de José e Maria. 2. A genealogia de Mateus é, como diz Grote, a genealogia de José como sucessor legal ao trono de Davi. A de Lucas é a genealogia particular de José, mostrando seu nascimento real, como filho de Davi, e, portanto, mostrando porque era herdeiro da corôa de Salomão. O simples princípio de que um evangelista apresenta a genealogia que continha os herdeiros sucessivos do trono de Davi e Salomão, enquanto o outro apresenta as raízes paternas daquele que era o herdeiro, explica tôdas as anomalias das duas linhagens, suas concordâncias e discrepâncias, e a circunstância de serem duas ao todo. 3. Maria, a mãe de Jesus era, provàvelmente, filha de Jacó e prima, em primeiro grau, de José, seu marido."

Valiosa contribuição para a literatura dêste assunto aparece no Journal of Transactions of the Victoria Institute, ou Philosophical Society of Great Britain, 1912, vol. 44, pp. 9-36m, no artigo, "As genealogias de nosso Senhor", de A. S. Lewis, e discussão por muitos letrados de conhecida capacidade. A autora, Lewis, é autoridade nos manuscritos siriacos e é uma das duas mulheres que, em 1892, descobriram na Biblioteca do Mosteiro de Santa Catarina, no Monte Sinai, o palimpsesto siríaco dos quatro evangelhos.

A distinguida autora afirma que o registro de Mateus atesta a linhagem real de José e que a genealogia apresentada em Lucas prova igualmente a descendência real de Maria. Lewis diz que: "O palimpsesto do Sinai também nos conta que José e Maria foram a Belém para se alistar, porque eram ambos da casa e linhagem de Davi."

O Cônego Girdlestone, discutindo o artigo, comenta com ênfase o status de Maria, como uma princesa de sangue real através da descendência de Davi: "Quando o anjo estava predizendo a Maria o nascimento do Santo Menino, disse: "O Senhor Deus Lhe dará o trono de Seu pai Davi! Ora, se sòmente José, seu esponsal, fôsse descendente de Davi, Maria teria respondido: 'Não sou casada com José ainda', entretanto, ela respondeu: 'Não sou casada', o que simplesmente significa — se eu fôsse casada, uma vez que sou descendente de Davi, poderia dar meu sangue real a meu filho, mas como posso ter um filho se sou virgem?"

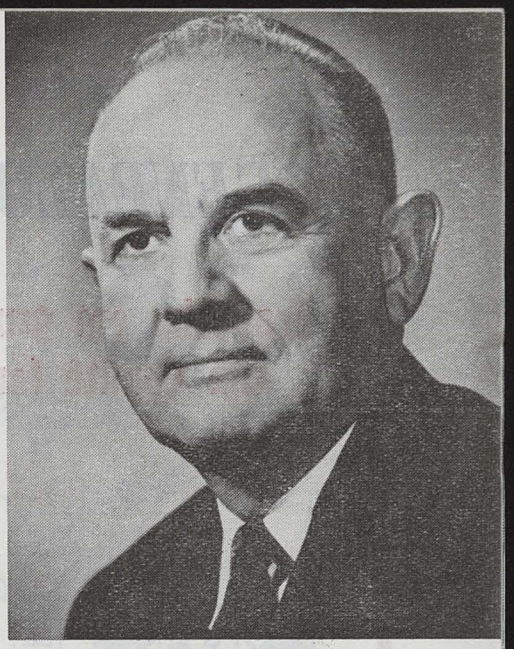
Depois de breve menção da lei judaica com referência à adoção, a qual dispõe (de acôrdo com o Código de Hamurabi, seção 188), que se um homem ensina uma arte a seu filho adotivo, a êste são confirmados, por isso, todos os direitos de herança, adiciona o Cônego Girdlestone: "Se a corôa de Davi tivesse sido dada a seu sucessor nos dias de Herodes, teria sido colocada sôbre a cabeça de José. E quem seria o sucessor de José? Jesus de Nazaré seria então Rei dos Judeus e o título colocado na cruz representaria a verdade. Deus o haveria levantado da casa de Davi.

6. *O santuário interno do Templo* — O Santo dos Santos no Templo de Herodes mantinha a forma e dimensões do Oráculo no Templo de Salomão; era, portanto, um cubo, com vinte côvados de lado. Entre êle e o Lugar Santo havia um véu duplo, de material finíssimo, esmeradamente bordado. O véu exterior era aberto do lado norte, e o interior do lado sul; de forma que o sumo-sacerdote, que entrava uma vez por ano no lugar indicado, podia passar entre os véus, sem expor o Santo dos Santos.

A câmara sagrada se achava vazia, com exceção de uma pedra grande sôbre a qual o sumo-sacerdote borrifava o sangue do sacrifício no Dia da Expiação. Esta pedra ocupava o lugar da Arca e seu Propiciatório. Do lado de fora do véu, no Lugar Santo, ficava o altar de incenso, o candelabro de sete braços e a mesa de pães da proposição. — The House of the Lord, p. 59.

Uma dádiva ao Salvador na ocasião de Seu Natal

Élder Spenser W. Kimball
do Conselho dos Doze



Em uma das estacas de Sião reside uma família que me deu uma cédula de cinqüenta dólares, aduzindo: "Hoje é o Natal do Senhor. Sempre damos presentes aos membros da nossa família nos seus natalícios. Gostaríamos de dar um presente ao Salvador. Será que você poderia aplicar êste dinheiro da forma que melhor agrade ao Redentor?"

Dois dias mais tarde, Sister Kimball e eu estávamos a caminho da Europa para uma tournê de seis meses através de tôdas as missões européias. Enquanto fazíamos grandes e apressados preparativos, ficamos a pensar sôbre o presente de natal que nos fôra confiado e chegamos à conclusão de que, na Europa, acharíamos o melhor destino para o mesmo.

Por meses giramos pelas missões, mantendo conferências com os missionários e santos, e encontramos muitas pessoas agradáveis. Apresentaram-se muitas oportunidades para aplicar a dádiva, mas a maioria dos santos de lá podiam lançar mão de fundos especiais. Continuamos esperando.

Estávamos já no fim do giro de nossa missão quando, na Alemanha, encontramos uma encantadora jovem senhora. Não sabíamos se era viúva ou não. Achava-se sòzinha com as crianças já há dez anos. Não sabia se seu marido estava morto ou não. Vítima de guerra, êle havia desaparecido e nunca mais se teve qualquer notícia dêle. As crianças, que eram pequeninas quando êle foi encorporado, estavam agora crescidas e o filho era um missionário de tempo integral entre seu povo.

Estava se aproximando o tempo da dedicação do Templo de Berna, Suíça. Perguntei à simpática senhora: "— Vai à dedicação do templo?" Vi o desapontamento em seus olhos, quando ela disse o quanto gostaria de ir. Mas, vi também o quanto era impossível em virtude de sua má situação financeira.

Ràpidamente verifiquei com o presidente da missão seu merecimento e a possibilidade de um proveito real em sua ida ao templo, e, então, dei-lhe a metade da dádiva, a qual lhe assegurou a despesa da viagem de ônibus, ida e volta, para assistir às cerimônias.

Algumas semanas após, estávamos ao sul da França. Viajamos de automóvel de Genebra, Suíça, ao sul, para a Riviera. O longo circuito da rota tomou a maior parte do dia. Deliciamo-nos em observar a multidão de veranistas ao longo das praias.

Sendo que por uns trinta ou cinqüenta quilômetros guiamos vagarosamente, retardados pelo congestionamento do tráfego, até alcançarmos nosso destino, quando chegamos, estávamos uma hora atrasados para a reunião.

Era uma noite quente. A sala estava cheia a não mais caber. Uma jovem ao piano entretia aquêle grande grupo, enquanto aguardavam nossa chegada. Agradecido pelo que ela fizera para mantê-lo reunido, interessei-me a seu respeito. Seu marido, um professor, havia falecido, e a amável jovem viúva levava uma vida de necessidades, mantendo-se parcamente com seus talentos musicais. Ela havia sido convertida à Igreja recentemente. O presidente de sua missão disse-me que era um membro digno e, assim, deixei com êle a outra metade da dádiva para ser-lhe entregue.

Nós completamos nossa tournê missionária às dez missões e, finalmente, chegamos a Berna para o serviço de dedicação do Templo Suíço. O Profeta do Senhor estava presente, assim como três dos Doze Apóstolos.

Quando a gloriosa reunião de dedicação chegou ao seu término, os serviços normais do templo foram dirigidos nas várias línguas do país. Quando assistia aos santos francêses em sua sessão, reparei nessa suave executora de música. Ela estava tão radiante como se estivesse a louvar a dádiva de Natal do Salvador, a qual permitira a possibilidade de seu transporte até ao templo.

Seus olhos fulguravam com um nôvo brilho; seu andar era mais leve; irradiava felicidade e paz quando atravessou o templo, envolta numa nova luz, numa nova esperança. E, murmurei comigo mesmo: — Agradeça ao Senhor pelas boas pessoas, que se lembram do Redentor no seu natal.

Eu estava presente também quando as três missões de língua alemã tiveram sua sessão no templo. Êsses devotados santos estavam se reunindo pela primeira vez num templo santo do Senhor. Muitos dêles já eram membros da Igreja há muitos anos e esta era a sua primeira oportunidade.

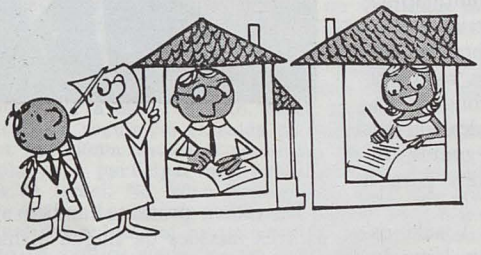
E, quando êstes santos alemães se reuniram, notei uma jovem mãe correr em direção a um grupo de missionários, chamar seu simpático filho e abraçá-lo amorosamente. Que alegria sentiam por estarem se encontrando no templo de Deus! Juntos andaram por todo o templo. Sussurrei ao Profeta a sua história cheia de devoção, sacrifícios e incertezas. Êle sentiu-se comovido pela doce afeição mútua. Quanto desejavam que o pai desaparecido pudesse ser restituído e que todos juntos pudessem ser selados nesse dia!

A luz que brilhava nos olhos dessa mãe era semelhante ao daquela sua outra irmã, do mesmo grupo alemão, que apertou-me a mão calorosamente e com profunda emoção disse-me: "Agora posso encarar qualquer coisa. Agora, estive no templo do Senhor, fiz meus convênios com meu Pai Celestial e fiz meu trabalho templário. Agora posso enfrentar qualquer situação — fome, frio, incertezas, e mesmo a guerra, com todo o seu terror, dar-me-á menos mêdo. Agora posso suportar qualquer coisa."

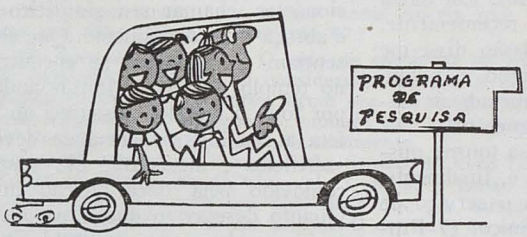
(Tirado de um discurso de Élder Spencer W. Kimball, do Conselho dos Doze, numa reunião sacramental, em 23 de dezembro de 1956.)

GENEALOGIA

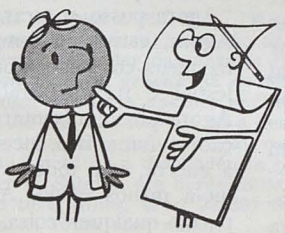
Trabalho em grupo com um Comitê familiar



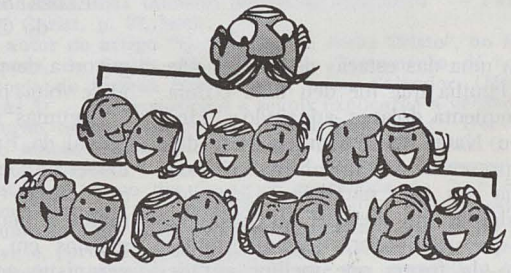
"Você sabia", diz o Dr. Genealogia, "que muitas vêzes certas pessoas fazem pesquisa desnecessária, porque duplicam o trabalho que outros membros da família já fizeram ou estão fazendo? Você já pensou que desperdício de esfôrço!"



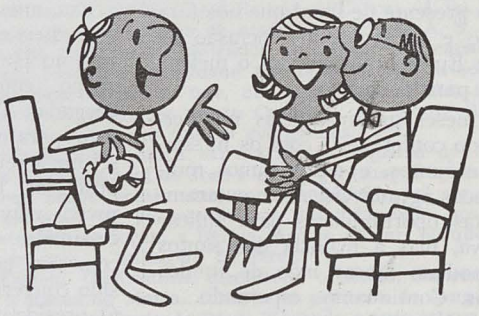
Com o aumento no número de membros da Igreja, torna-se mais e mais aparente que a pesquisa genealógica deve ser realizada seguindo um projeto familiar?



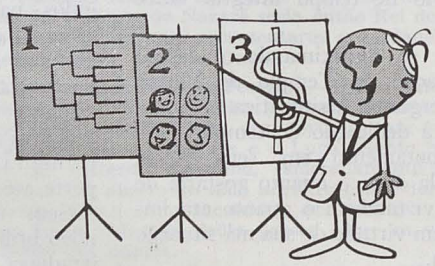
Naturalmente, alguém terá que se responsabilizar pela liderança do trabalho! Não é muito aconselhável esperar que a Tia Maria ou o Primo Carlos dêem o primeiro chute na bola. Quem é o responsável pela formação do Comitê Familiar? VOCÊ!



E quem você vai convidar para trabalhar junto? Todos os parentes que forem descendentes de qualquer um de seus ancestrais comuns!



Isto significa que você terá que entrar em contato (visitar ou escrever) com todos os descendentes conhecidos do bisavô Marques.
Explique-lhes os seus planos de organizar a família para a pesquisa genealógica. Faça com que êles percebam que sua colaboração é indispensável. Promova a idéia de maneira que se sintam entusiasmados em trabalhar junto com você.

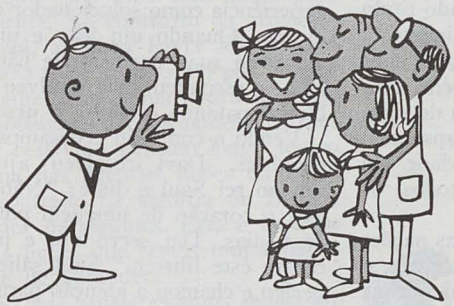


Êles vão ficar curiosos para saber qual o motivo de tanta animação. Ótimo, explique-lhes:
1. Iniciar pesquisa em sua linhagem.
2. Supervisionar tôda a pesquisa genealógica para prevenir duplicação no trabalho.

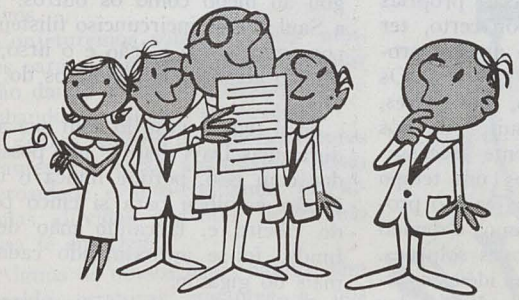
3. Dividir não apenas o trabalho, como também o financiamento da pesquisa.
Mostre-lhes as vantagens de um Comitê Familiar.



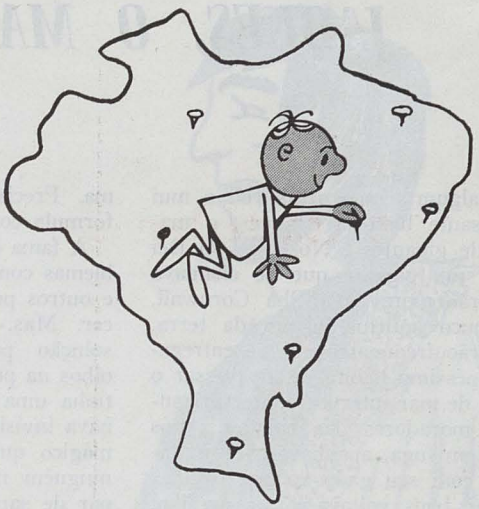
Ao mesmo tempo que trabalham para compilar os registros dos descendentes do bisavô Marques, poderão desenvolver os laços familiares. Razões convincentes? Lógico!



Para levar avante tais objetivos, você precisará de oficiais — cada um com uma função específica e deveres bem determinados. Um presidente, dois ou mais vice-presidentes, um secretário, um tesoureiro, um genealogista, um historiador etc.



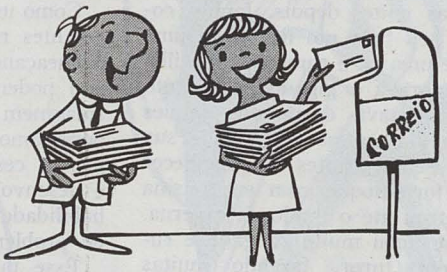
Se os membros da família são de áreas geográficas diferentes, seria bom eleger um vice-presidente, um secretário e um genealogista em cada uma das áreas representadas. Então, divida a linhagem de forma



que cada grupo geográfico seja responsável por uma parte da linhagem.



Lembre-se que é importante ter tantas pessoas quanto possível participando — realmente fazendo alguma coisa. A participação anima — experimente!



Se você quer vê-las felizes, não se esqueça de mantê-las informadas de tudo que se passa. Peça aos secretários dos grupos que mandem a todos os membros do Comitê uma cópia de cada registro nôvo.



Não se esqueça — você deve ser membro de uma Organização Familiar. Se ainda não existe, crie-o!

JAQUES, O MATADOR DE GIGANTES

STERLING W. SILL
Assistente do Conselho dos Doze

Há algum tempo atrás reli a mui interessante história "Jaques, o matador de gigantes". Nos dias do Rei Artur, um gigante que se chamava Cormorão morava na Ilha Cornwall, um pouco aquém do fim da terra. Cormorão freqüentemente se entregava ao péssimo hábito de atravessar o pedaço de mar interposto, aterrorizando os moradores das cidades. Após pô-los em fuga, apanhava-os e juntamente com seu gado vacum, ovelhas e demais bens, voltava para a sua ilha.

Numa dessas cidades morava um jovem agricultor, de nome Jaques, que era muito engenhoso e imaginativo. Um dia perguntou a seu pai sôbre Cormorão. O pai de Jaques explicou-lhe que nada se podia fazer com êsse problema, porque êle era um gigante e mesmo os guerreiros do Rei Artur tinham mêdo de gigantes.

Entretanto, Jaques contou ao pai que seu professor de Salsburg havia dito que sempre poderia ser encontrada uma solução para qualquer problema. Jaques acreditava que deveria haver uma solução também para Cormorão e propos-se a encontrá-la

Algumas noites depois, Jaques colocou no seu bote um machado, uma picareta e uma pá e rumou para a ilha em que morava o gigante. Enquanto Cormorão estava dormindo, Jaques cavou um buraco na entrada de sua caverna; e pouco antes do amanhecer deu um forte toque com sua busina que penetrou até o fundo da caverna. O gigante ficou muito zangado e rugindo com furor, fazendo muitas ameaças de vingança, arremeteu-se no escuro e acabou caindo na armadilha. Jaques, que estava pronto com o machado deu um bom golpe na cabeça do gigante, o suficiente para liquidar para sempre o problema que representava Cormorão.

Quando o povo que morava na província próxima soube que Jaques havia matado o gigante, imediatamente fizeram-lhe um convite para prestar-lhe um serviço semelhante. Mas, o gigante dêles possuia duas cabeças, o que exigia um tratamento um pouco diferente.

No entanto, Jaques sabia que havia solução para todo e qualquer problema. Precisava, dêsse modo, achar a fórmula correta.

A fama de Jaques em resolver problemas com gigantes logo se espalhou e outros pedidos começaram a aparecer. Mas, cada gigante exigia uma solução particular. Alguns tinham olhos na parte de traz da cabeça. Um tinha uma porção mágica que o tornava invisível. Outro tinha um capuz mágico que lhe revelava coisas que ninguém mais conhecia e outro um par de sapatos mágicos que lhe conferia extraordinária velocidade.

Mas Jaques sabia que havia uma solução para todo e qualquer problema e que, quando a solução apropriada era aplicada com a necessária habilidade, coragem e empenho, qualquer problema poderia ser solucionado. Finalmente, foi-lhe dado o elevado título de "Jaques, o matador de gigantes".

Esta é muito mais do que uma simples história. Encerra, também, mui valiosa e aconselhável filosofia de vida. Nossas piores dificuldades aparecem em virtude de nossa inabilidade em solucionar adequadamente todos os nossos problemas.

Como um exemplo, vemos as nações gigantes rugindo e rosnando entre si e ameaçando destruir o mundo, porque não podem solucionar um problema. Imaginem só que mundo maravilhoso poderíamos ter, se tôdas as grandes nações cessassem de criar problemas e desenvolvessem um pouco mais de habilidade como bons solucionadores de problemas.

Êsse também deve ser o objetivo primordial para as nossas próprias realizações. Devemos, por certo, ter em mente que todos os nossos problemas não provêm de gigantes. Os menores problemas são, por vêzes, grandes demais para muitos de nós solucionar. Freqüentemente fracassamos porque dispendemos um tempo enorme apoquentando-nos com o problema em si e não dedicamos o devido tempo para pensar em boas soluções.

Podemos obter algumas idéias construtivas de um famoso solucionador de problemas encontrado no Velho Testamento, de nome Davi.

Davi não podia entrar para o exército como seus irmãos, porque era muito jovem e, assim, ficou em casa cuidando do rebanho de ovelhas da família. Porém, um dia seu pai, Jessé, enviou-o ao acampamento do Rei Saul para levar alimento a seus irmãos.

Quando chegou ao acampamento encontrou a cena de uma grande confusão. Um gigante de Gate, chamado Golias, estava desafiando os soldados de Saul a escolherem entre êles um campeão para lutar com Golias e decidir a sorte da guerra através de um combate singular.

Não havia um só no acampamento de Saul que não estivesse desesperadamente amedrontado. Em seu temor, nenhum pensava em soluções e parecia que logo todos seriam escravos dos filisteus.

Entretanto, Davi havia tido alguma experiência como solucionador de problemas. Quando um leão e um urso atacaram suas ovelhas, êle não fugiu nem se escondeu, mas resolveu o problema matando o leão e o urso.

Vendo a confusão e desamparo dos israelitas, Davi resolveu ajudá-los. Foi ao rei Saul e disse: "Não desfaleça o coração de ninguém por causa de Golias. Teu servo irá, e pelejará contra êste filisteu." Saul salientou o perigo e chamou a atenção para o fato de Davi ser muito jovem, enquanto que Golias não era apenas um gigante, mas, igualmente, o guerreiro campeão entre todos os filisteus. Golias estava revestido de bronze e trazia na mão uma lança que parecia mais ser um tronco.

Mesmo assim, Davi não se entregou ao mêdo como os outros. Disse a Saul: "êsse incircunciso filisteu será para mim como o leão e o urso, porquanto afrontou os exércitos do Deus vivo."

Saul tentou vesti-lo com sua armadura, mas Davi disse: "não posso andar com isso, porque nunca o usei." Então escolheu para si cinco pedras do ribeiro e, lançando mão de sua funda, foi-se aproximando cada vez mais do gigante.

Golias estava um pouco surprezo que seu desafio partisse de alguém tão jovem e começou a ameaçar e injuriar o pastorzinho. Mas Davi disse ao filisteu: "Tu vens a mim com espada,

e com lança, e com escudo; eu, porém, vou contra ti em nome do Senhor dos Exércitos, o Deus dos exércitos de Israel, a quem tens afrontado. Hoje mesmo o Senhor te entregará na minha mão."

Eu suponho que esta é que podemos chamar de a fé que remove montanhas ou ainda a fé que mata gigantes. Mas, Davi tinha também um plano prático. Colocou uma pedra na sua funda e, quando a girava para obter impulso, correu de encontro ao filisteu. E precisamente no momento certo e na forma certa, deixou a pedra partir; e esta encravou-se na testa de Golias. O gigante caíu com o rosto em terra e Davi concluiu a tarefa cortando sua cabeça com a própria espada do gigante. E o registro diz: "Vendo os filisteus que era morto o seu herói, fugiram." (I Sam. cap. 17.)

O problema estava solucionado e Davi fêz a entrega da comida aos seus irmãos e, em seguida, regressou às suas ovelhas.

De passagem, é interessante lembrar que Davi usou essa funda anteriormente. Ao contrário da armadura de Saul, a funda havia sido experimentada e êle sabia como pôr impulso suficiente atrás duma pedra para que o problema de Golias pudesse permanecer resolvido por um longo tempo.

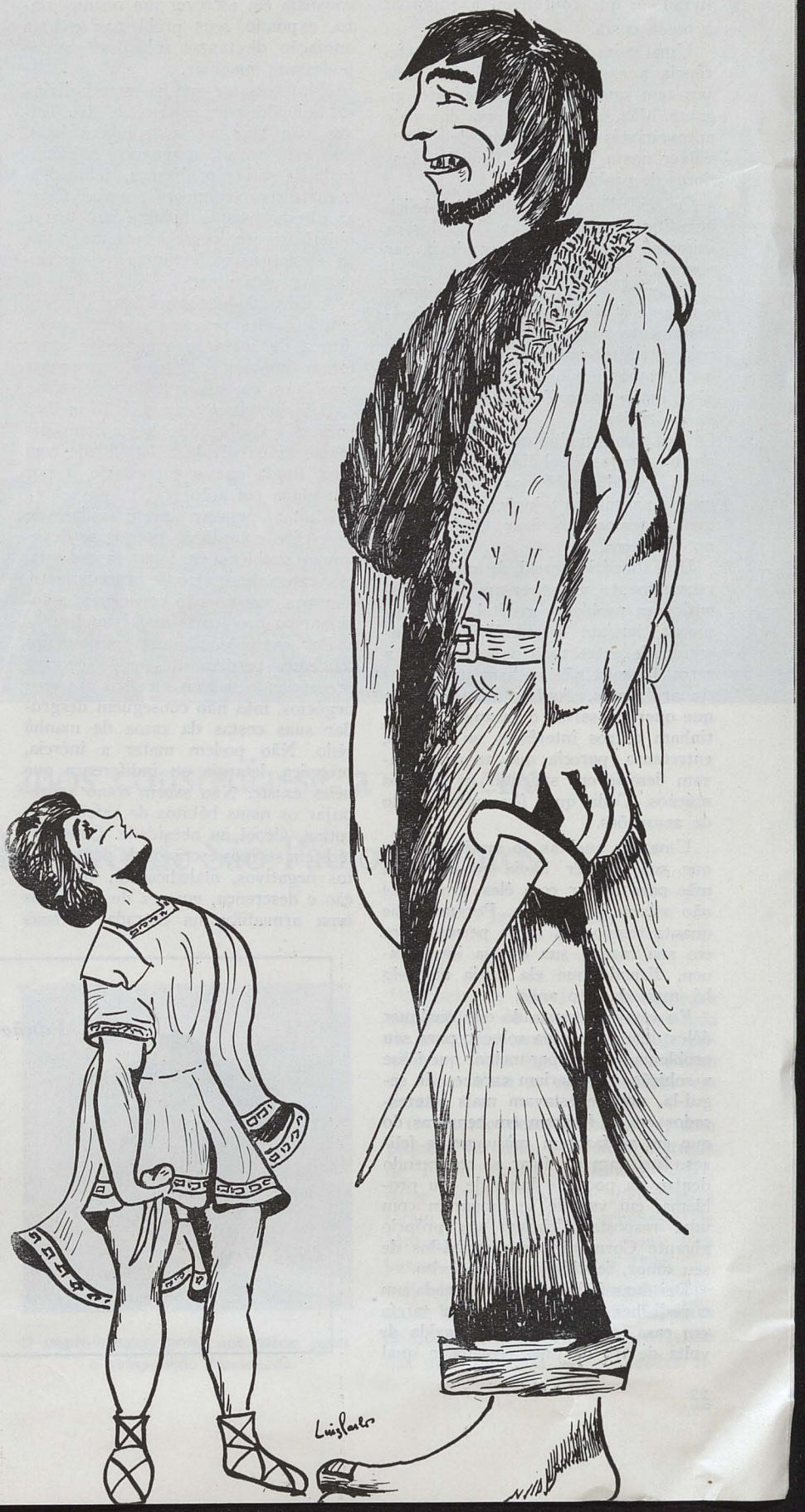
Uma das grandes lições da Bíblia é encontrada na história de Davi, o matador de gigantes. Esta é uma daquelas lições que temos muita necessidade de aprender.

Nos dias atuais estamos sendo importunados por muitos gigantes reais que roubam nosso gado ou nos ameaçam com uma lança do tamanho de um tronco. Mas, da mesma forma, existe uma porção de gigantes que devem ser abatidos. Como o soldado de Saul, temos uma escolha entre ser matadores de gigantes ou seus escravos.

Conjeturemos sôbre algumas soluções para os temores gigantes que nos estão dando as maiores inquietações e roubando-nos sucesso e felicidade.

Existem também desencorajamentos gigantes que estão aniquilando nossa operosidade e auto-confiança. Há algumas dúvidas gigantes destruindo nossa fé em Deus.

Alguns de nossos maus hábitos têm atingido estaturas gigantes e nos ameaçando a uma vida de servidão perniciosa. O que precisamos mais do que qualquer outra coisa é a coragem e a habilidade em sermos um matador de gigantes. Existem muitos Cormorões, dos quais já deveríamos nos ter



livrado e que continuam a engordar à nossa custa.

Uma coisa interessante com referência a essas situações é que cada um tem que matar seu próprio gigante. Mas, certamente, uma das mais aproveitáveis decisões é a de desenvolver nossa habilidade de solucionadores de problemas.

Os cidadãos das ilhas Sandwich acreditavam que a fôrça de todos os inimigos que os atacavam devia ser somada à sua própria fôrça.

Sabemos que quando sobrepujamos o gigante desânimo, nossa fôrça é imediatamente aumentada. Se pela fé e pelo estudo destruímos nossas dúvidas e colocamos em ordem nossas confusões, então nossa fôrça imediatamente se multiplica.

Uma das melhores maneiras de aprimorar nossa habilidade como solucionadores de problemas é dedicar-nos mais a pensar em soluções e dispender menos tempo em ficar chafurdando no problema.

Um simpático casal de meia idade recentemente veio ver-me para discutir um problema marital. Para começar, haviam se escolhido mùtuamente de entre todo o povo sôbre a terra e agora não podiam mais continuar juntos. Ambos manifestaram que queriam salvar o casamento. Não tinham outros interêsses no coracão, entretanto, parecia que se empenhavam demais em salientar os defeitos mútuos. Cada qual fêz uma porção de acusações.

Uma das queixas do marido era de que sua mulher havia convidado a mãe para morar com êles. Disse que não achava isso bonito. Perguntei-lhe quanto tempo sua sogra permanecera em sua casa e sua espôsa interrompeu, dizendo que ela havia morrido há mais de oito anos.

Eu estava interessado que qualquer dêles delineasse uma solução para seu problema, porém, por melhor que fôsse a solução, não seriam capazes de seguí-la, porque estavam mais interessados em se fixarem em censuras do que em se fazerem mùtuamente felizes. Insistiam em ficar se remexendo dentro da poça de lama de seu problema, em vez de se limparem com uma resposta. Criaram seu próprio gigante Cormorão para roubá-los de seu amor, felicidade e bom êxito.

Dei duas fôlhas de papel a cada um e pedi-lhes que fizessem uma tarefa em casa, que deveria ser trazida de volta dentro de uma semana, a qual consistia em escrever um resumo claro, expondo seus problemas e uma anotação de tantas soluções quantas pudessem imaginar.

É interessante que há sempre diversas soluções para cada problema. Talvez não haja várias soluções boas, mas essa atitude desenvolve a habilidade de solver problemas, delineando o mais completamente possível tôdas as alternativas, e habilita a, sàbia e objetivamente, pesar e avaliar tôdas as vantagens e desvantagens oferecidas por cada uma.

A dificuldade dos soldados de Saul era que êles pensavam apenas numa forma de matar o gigante; e era a forma impossível, isto é, trespassar uma lança em sua armadura de cobre.

Davi imaginou uma solução melhor para o trabalho. Êle havia anteriormente desenvolvido a habilidade com uma funda que o capacitaria a por seu plano em ação.

Muitas pessoas levam vidas de desespêro e confusão porque se devotam ao problema em lugar da resposta. Por causa dêsse êrro de procedimento, algumas pessoas não conseguem solucionar os problemas mais simples.

Por exemplo, algumas pessoas inteligentes perdem um tempo enorme preocupando-se com sucessos nos seus negócios, mas não conseguem desgrudar suas costas da cama de manhã cêdo. Não podem matar a inércia, preguiça, letargia ou indiferença que nêles existe. Não sabem como sobrepujar os maus hábitos de cafeína, nicotina, álcool ou obesidade. Consentimos em sermos escravos de pensamentos negativos, maledicência, profanação e descrença, em vez de cavarmos uma armadilha na entrada de suas cavernas, que nos capacite a resolver os problemas.

Lemos na Bíblia sôbre pessoas que eram possuídas de demônios. Mas, quão pior é para aquêle que entrega a si mesmo às garras de um problema insolvido, e se permite ser escravo da maldade, ver-se atormentado para sempre por um demônio que êle mesmo criou?

Por muitos anos Peter Marshall foi capelão do Senado dos Estados Unidos. Êle costuma orar: "Senhor, ajude-nos a ser uma parte da resposta, não uma parte do problema."

Muitas vêzes transformamos o problema num atoleiro de areia movediça e, então, por mais que lutemos e acusemos e batalhemos, mais profundamente mergulhamos dentro da dificuldade. Um dos piores inimigos das soluções é a procrastinação.

Nas confissões de Santo Agostinho êle pinta-se como um jovem flagrantemente mundano e licencioso. Confessou que a prece nos dias turbulentos de sua juventude era: "Ó Deus, dai-me castidade e auto-contrôle, mas, não agora."

Com referência aos índios, certa vez Brigham Young disse: "É melhor alimentá-los do que combatê-los." Essa lógica talvez é boa com relação a índios, entretanto, não ajuda a matar gigantes.

Pequenos problemas podem transformar-se em gigantes com muito pouca alimentação e devemos escolher entre dominarmos nossos Golias ou sermos por êles dominados.

Possa o Senhor ajudar-nos a entender e praticar a filosofia de solucionar problemas, eu rogo em nome de Jesus Cristo. Amém.



Edição revisada do

Livro de Mórmon

Peça agora ao Almoxarifado da Missão Brasileira a edição de 1963 do Livro de Mórmon.

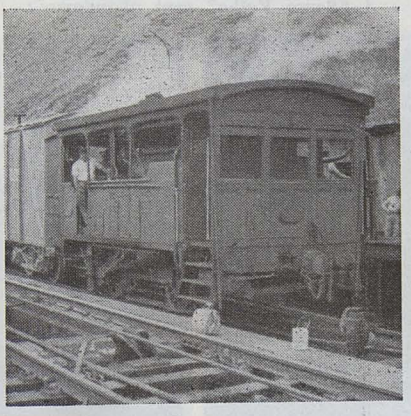
Cr$ 400,00



Há cem anos construia-se a primeira estrada de ferro de São Paulo a Santos

IRINEU PETRY

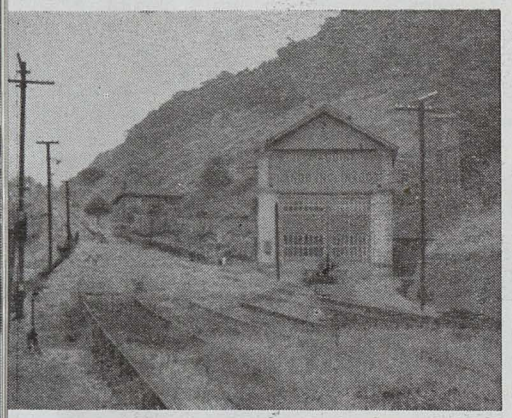
Em 3 de outubro de 1832, era apresentado ao Govêrno Provincial de São Paulo "Proposta e Condições Para a Construção da Estrada de Ferro de São Paulo a Porto Feliz", com capitais nacionais e estrangeiros, "para o transporte mais barato de gêneros das Províncias de São Paulo, Goyaz, Mato Grosso e húa parte de Minas até o Porto de Santos e vice versa, se o Governo annuir as suas proposições." Essa proposta foi assinada por Aguiar, Vva. Fos e Cia., por si e por Samuel Phillips e Cia. Dois anos depois, desistindo a primeira firma inglêsa e tomando seu lugar outra, em 18 de março de 1836, a Assembléia Legislativa Provincial de São Paulo promulgava ato público de concessão de estrada de ferro, que consignava carta de privilégio à firma Aguiar Viuva e Filhos & Cia., Platt e Reid, sediada em Santos.



O vagão-breque, prêso aos cabos, puxa a composição fracionada.

O traçado dessa concessão é, com pequena variação, o da atual Estrada de Ferro Santos a Jundiaí-EFSJ, cujos estudos técnicos preliminares foram executados pelo engenheiro De Mornay, que Frederico Fomm, fôra buscar em Recife antes de 1834.

Frederico Fomm, de origem prussiana, logo após a independência, viera de Londres, onde estudara no convívio das mais elevadas personalidades fi-



1ª máquina fica na raiz da sêrra.

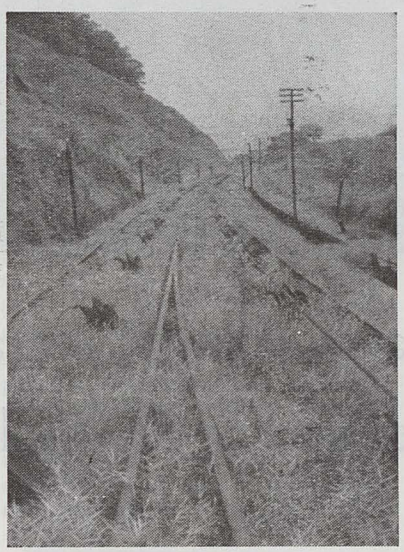
nanceiras da Inglaterra, sendo mesmo de presumir que era agente comercial dos inglêses. Aqui casara com uma filha do ten. cel. João Xavier da Costa Aguiar, presidente do Senado da Câmara e sobrinha de José Bonifácio de Andrada e Silva.

Ao brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar, governador da Província de São Paulo (1831-1835) é atribuída a autoria do projeto, que serviu mais tarde para a lei que mandava empregar o sistema funicular na serra, ou seja, as máquinas fixas.

Os estudos do engº De Mornay foram cedidos pela viúva de Frederico Fomm, d. Bárbara de Aguiar Fomm, ao marquês de Monte Alegre, seu compadre, que os cedeu ao barão de Mauá. Êste vendeu-os à São Paulo Raylway Co., em Londres por £ 45.000, ficando, todavia, como acionista da emprêsa britânica, além do marquês de Monte Alegre e do marquês de São Vicente.

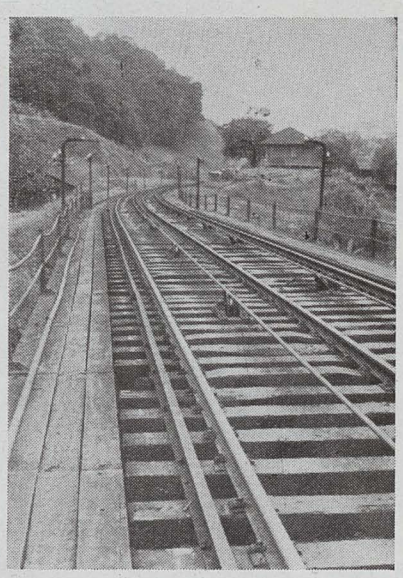
Na Raiz da Serra foi instalada a primeira Máquina de Planos Inclinados, a dois quilômetros da linha em aclive com um pequeno pátio onde os vagões eram engatados em cabos de aço. Funciona até hoje.

A inauguração dêsse primeiro plano inclinado da Serra deu-se a 28 de julho de 1864, com a presença do Presidente Francisco Ignácio Marcondes Homem de Mello (Barão Homem de Mello). Faltavam mais três planos e já em agôsto de 1865 o presidente Dr. João da Silva Carrão, de acôrdo com o primeiro Superintendente da São Paulo Raylway Co., o cidadão inglês James J. Aubertin, autorizava o tráfego de passageiros, bagagens e cargas entre Santos e São Paulo e vice versa. Em 1946 o Govêrno da União encampava a estrada de ferro, estando na superintendência o dr. Alexander M. Wellington, atualmente residindo em Londres, sua terra natal.



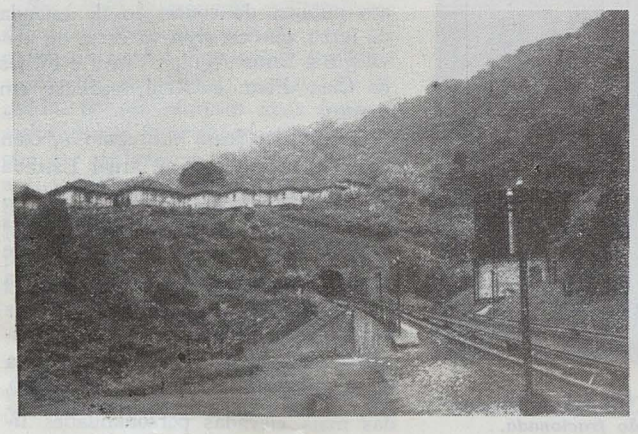
A "Serra Velha" está abandonada.

Desde a abertura dos portos em 1808 a província de São Paulo já era apontada como a "terra promissora". E a confirmação dêsses prognósticos tem trazido constantes responsabilidades a essa ferrovia, para atender aos cada vez mais prementes reclamos de transportes de tôda a sorte. A "serra velha" foi substituída pela "serra nova" com sensíveis melhoramentos em todo o sistema. Todavia, durante a última guerra, foi necessário recuperar a "serra velha" e pô-la em condições de tráfego novamente.

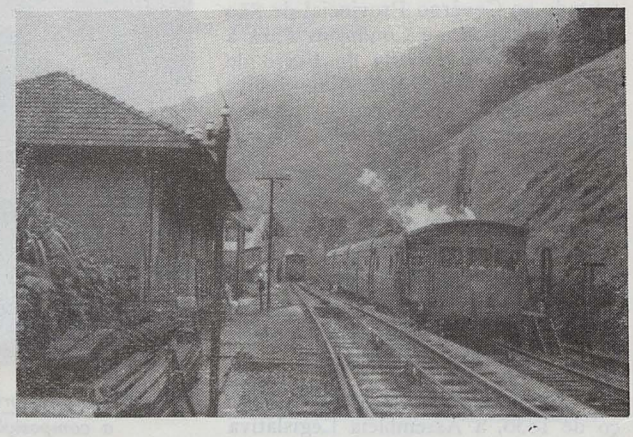


No trecho funicular da "Serra Nova" um cabo prende o vagão-breque.

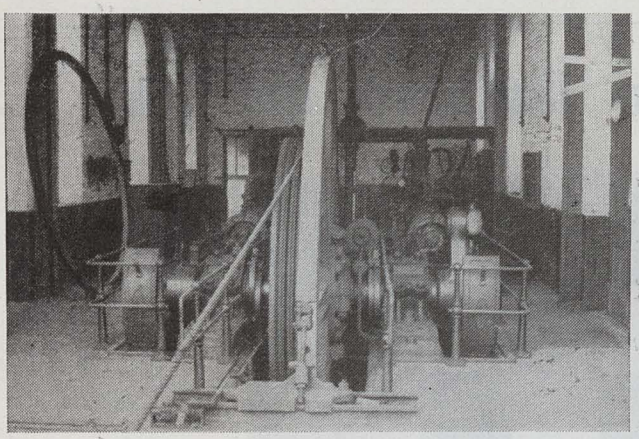
Em 1948 a EFSJ iniciou reformas de base para ficar em dia com as exigências do progresso, passando a utilizar largamente a energia elétrica em todo o sistema, além de outros consideráveis melhoramentos técnicos.



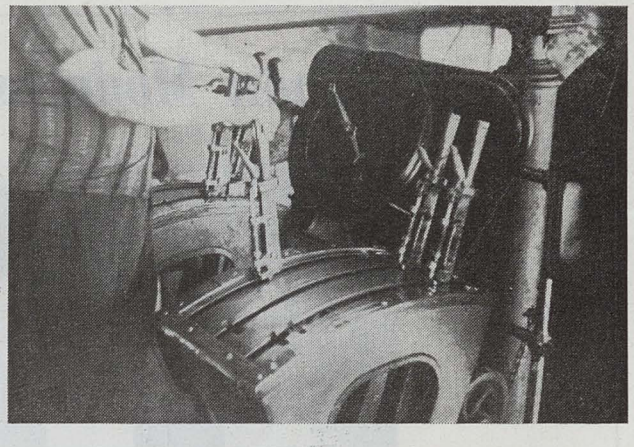
A EFSJ já construiu seu núcleo residencial.



Vagão-breque leva moderno trêm de passageiros.



Volante faz o cabo girar ao longo de um plano.



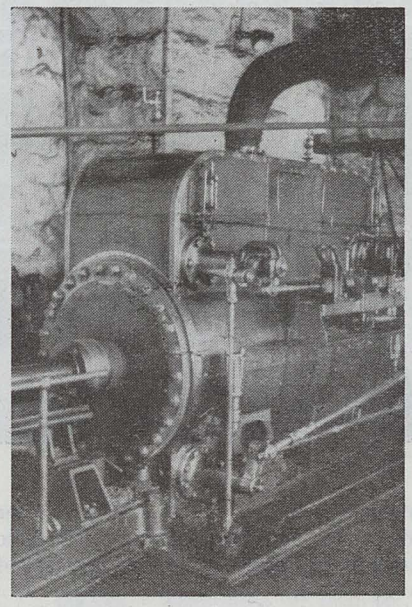
Alavancas comandam paradas no plano inclinado.

Construiu aproximadamente quinze novos núcleos residenciais, além de cosinhas e refeitórios para mais de cinco mil refeições diárias; escolas profissionais e de prendas domésticas; postos médicos, etc.

Além disso mandou construir, também, o oleoduto entre Santos e São Paulo para atender ao rápido transporte de produtos de petróleo para o parque fabril do planalto e está cogitando da construção de mais um oleoduto de São Paulo a Campinas com nova economia de milhões de toneladas em vagões retirados dêsse transporte.

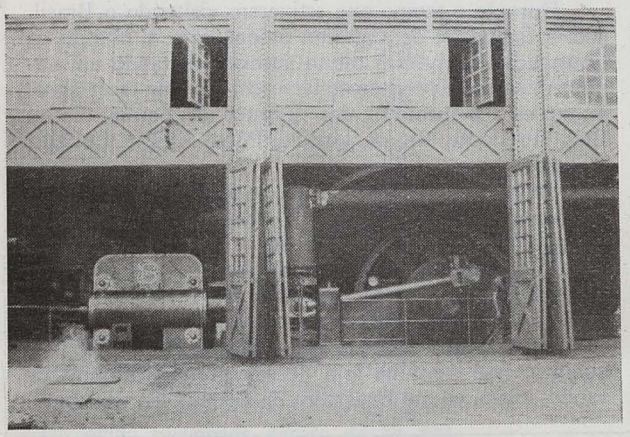
Modernos e confortáveis trens elétricos descem a serra, fazendo a delícia dos que sabem apreciar as belezas de nossa terra, fazendo turismo patriótico. É um verdadeiro sedativo para o atropelado e muito atarefado paulistano.

A criação da Companhia Siderúrgica Paulista-COSIPA, na baixada santista, veio trazer novas responsabilidades à EFSJ que está cogitando de completa remodelação da estrada de ferro, com a eliminação do sistema funicular na serra, já obsoleto, por uma linha de simples aderência com 40 klm, ou pelo emprêgo de locomotivas elétricas providas de engrenagens para cremalheiras ou de rodas de pneumáticos, com aproveitamento do traçado da serra velha e supressão do tráfego pela atual serra nova, que no sistema funicular exige o fracionamento de trens em viagens de dois vagões por vez na descida ou na subida e reduzida vasão ton/hora em virtude da morosidade operacional que o caracteriza.

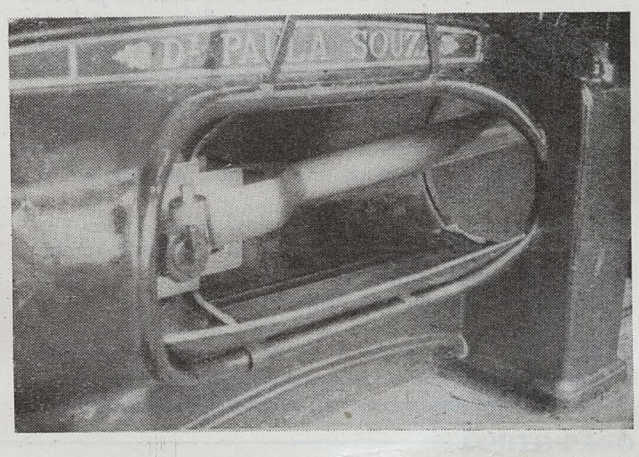


Máquina aciona cabos e os trens sobem e descem simultâncamente.

No dia 28 de julho dêste ano será o centenário da inauguração do Primeiro Plano Inclinado da EFSJ e convidamos aos nossos irmãos e amigos a fazerem uma viagem descendo a serra por essa convidativa estrada de ferro, orgulho do pioneirismo bandeirante.

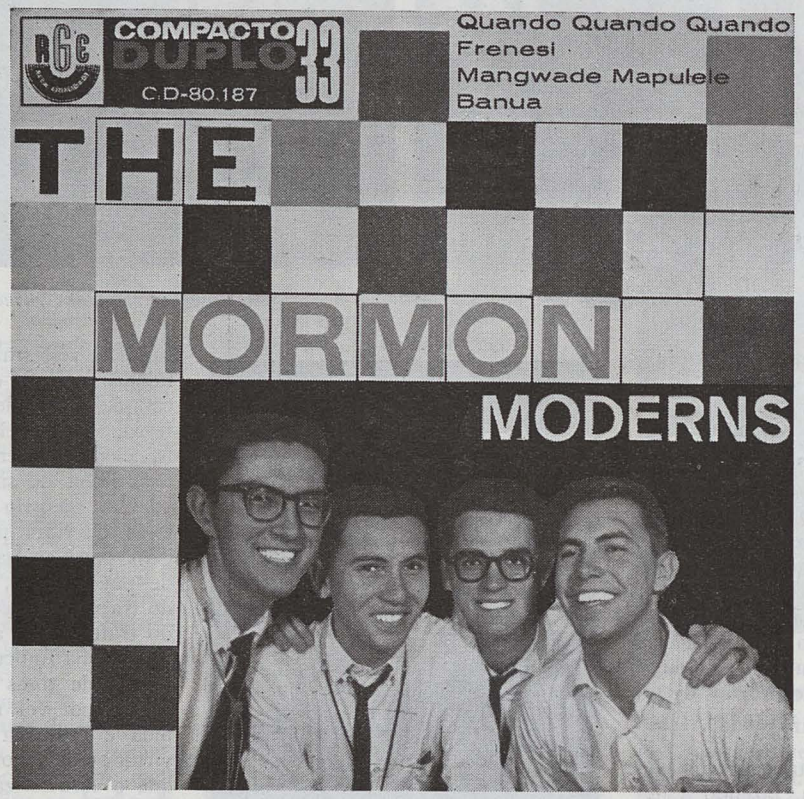


Sistema gerador de fôrça motriz a vapor.



Este é o mancal da máquina "Dr. Paulo Souza".

Os «Mormon Moderns» lançaram um disco



Foi gravado recentemente, a convite da RGE, um compacto duplo 33 pelo quarteto mórmon, que nos visitou no final do ano passado, os "Mórmon Moderns", formado por missionários integrantes da Missão Uruguaia.

Os jovens mórmons sempre tiveram facilidade para a música, em virtude de estarem acostumados já desde bem pequenos a cantar e a desenvolver seus talentos musicais nas diversas organizações auxiliares da Igreja.

Dessa forma, quando naquela missão irmã tiveram a idéia de formação dos princípios do evangelho restaurado e para testemunhar ao mundo os alicerces da formação dos santos dos últimos dias, não foi muito difícil escolher, entre os missionários, aquêles que poderiam participar.

Além de cantar, êsses jovens, Malin Davis (primeiro tenor), James Christensen (segundo tenor), Michael Smurthwaite (barítono) e David Lunt (baixo), tocam um total de sete instrumentos musicais.

Depois de um mês de ensaio, aceitaram um contrato com uma emissora de televisão de Montevidéu, Uruguai, para um show semanal de meia hora por um período de dois meses. E, assim, após essa primeira oportunidade mereceram um auditório particular realmente selecionado, cantando em várias emissoras uruguaias e agradando em tôdas as localidades que tiveram oportunidade de visitar.

Sua música é cantada em vários idiomas e de forma original, uma vez que sempre fazem seus próprios arranjos para as melodias que constituem seu repertório.

Durante o tempo que estiveram visitando o Brasil, com a finalidade de angariar fundos para a Missão de Construção, obtiveram muito sucesso, cantando em várias emissoras e programas famosos, além de fazer apresentações aos membros dos distritos de Santos, Tietê, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Pôrto Alegre, Curitiba e outros.

Entre os programas em que se apresentaram podem ser mencionados: "Golias", "Grande Gincana Kibon", "Sérgio Galvão Show", "Moacyr Franco Show" etc.

Não podemos deixar de agradecer a gentileza da General Motors por ter colocado um motorista à disposição do quarteto em sua temporada.

Os membros de tôdas as cidades do Brasil, poderão adquirir êsse disco na loja de sua preferência, colaborando, assim, com o Programa de Construção da Igreja.

TU ÉS

Não é preciso, Pai,
que Tu me fales pela voz das águas
para que eu Te entenda.

Nem que Te dês, solícito,
no crístico esplendor da natureza,
para que eu Te ame.

Nem que Te acendas, sempre,
nas vastidões dos mundos ignotos
para que eu Te creia.

Nem que Te escondas, vívido,
nas reticências nômades da morte,
para que Te busque.

Pois que sempre entendi
Teu sôpro imponderável no recesso
do alento que me anima

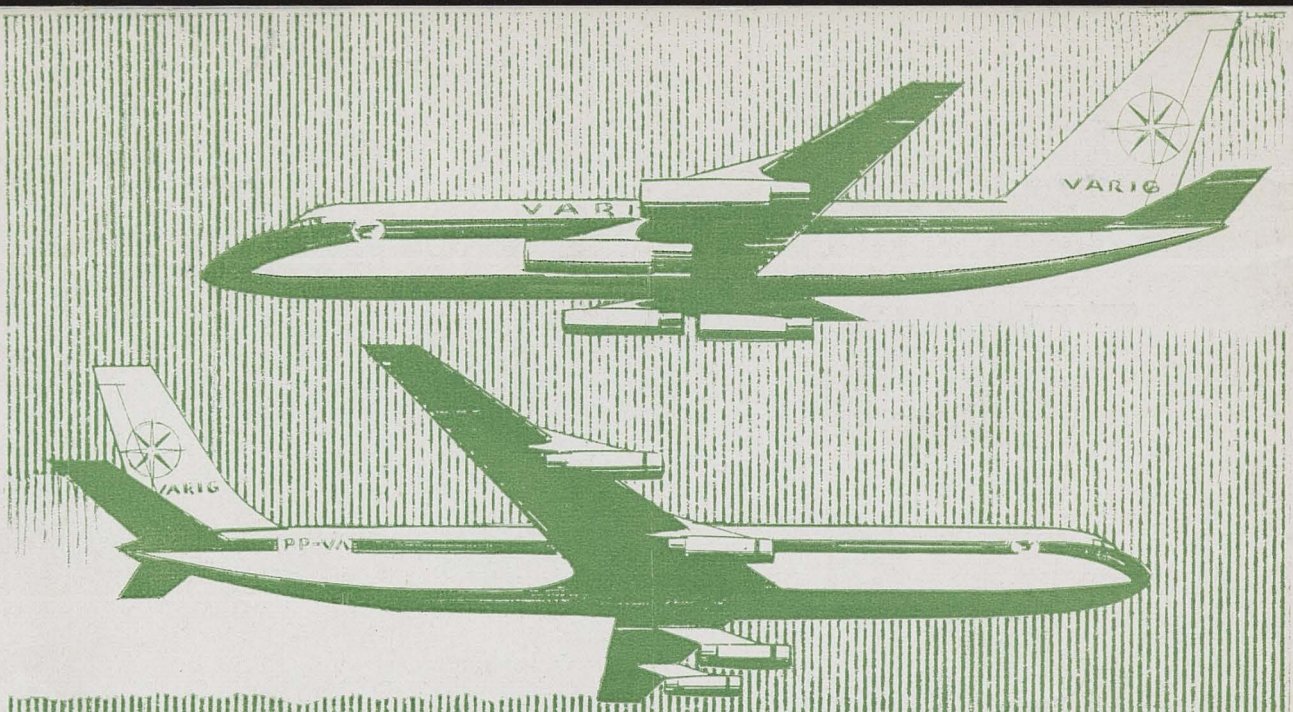
e Te amei desde a gênese
fluídica e incorpórea do meu sêr
moldado à Tua imagem...

Jane Arduino Perticarati
(O Tanque de Betesda)

Devolva a
A LIAHONA
Caixa Postal 862 — São Paulo, SP, Brasil.
Não sendo reclamada dentro de 30 dias.

PORTE PAGO

REC'D 20 APR



JATOS

SERVINDO AS AMÉRICAS



SERVIÇOS INTERNACIONAIS

NOVA YORK
MIAMI
LOS ANGELES
BUENOS AIRES
MONTEVIDÉO
CARACAS
LIMA
BOGOTÁ
PANAMÁ
MÉXICO
SANTO DOMINGO
ASUNCIÓN

VARIG